

# JORGE ESTRELA

ESBOÇO DE UMA  
BIOGRAFIA

---

SKETCH OF A  
BIOGRAPHY

---

IMPrensa  
*PRESS*





## Jorge Estrela

historiador, director  
da Casa-museu João Soares

Este mês, a rubrica *Best Of* dá voz ao historiador Jorge Estrela, director da Casa-museu João Soares, que aqui deixa uma lista daquilo que foi para ele o melhor e mais relevante no último mês.



### O FILME

Este mês o trabalho não me permitiu muitos lazers. Vi o filme de Miguel Gomes **O MEU QUERIDO MÊS DE AGOSTO** e gostei bastante, sensível, atento, som excelente, bela imagem, narração labiríntica e emotiva. O Portugal perdido que afinal ainda existe.

### O LIVRO

Li as provas do livro de David Buttery que sairá em Novembro **WELLINGTON CONTRA MASSENA**, excelente visão da Guerra Peninsular, redimensionando fases do conflito que estavam ocultas.

### A EXPOSIÇÃO

Não vi exposições mas aguardo expectante uma visita a Paris para ver as duas grandes exposições do Louvre, **PICASSO E DELACROIX**, e a do extraordinário pintor renascentista que foi Andrea Mantegna. Se possível vou dar um pulo a Roma à Scuderia del Quirinale ver Giovanni Bellini. Em Leiria recomendo na Casa Museu João Soares, nas Cortes, **LEIRIA NO TEMPO DAS INVASÕES FRANCESAS**.

### O RESTAURANTE

Quanto a restaurantes fui surpreendido em Lisboa pela boa qualidade do **SALSA E COENTROS** perto da Avenida da Igreja. Em Leiria, mais precisamente nas Cortes, o restaurante **O PEÃO** parece-me de uma incedível relação qualidade-preço.

### O FACTO

A esperada crise financeira que espero venha a conduzir a raciocínios que po iham racionalidade na economia mundial.



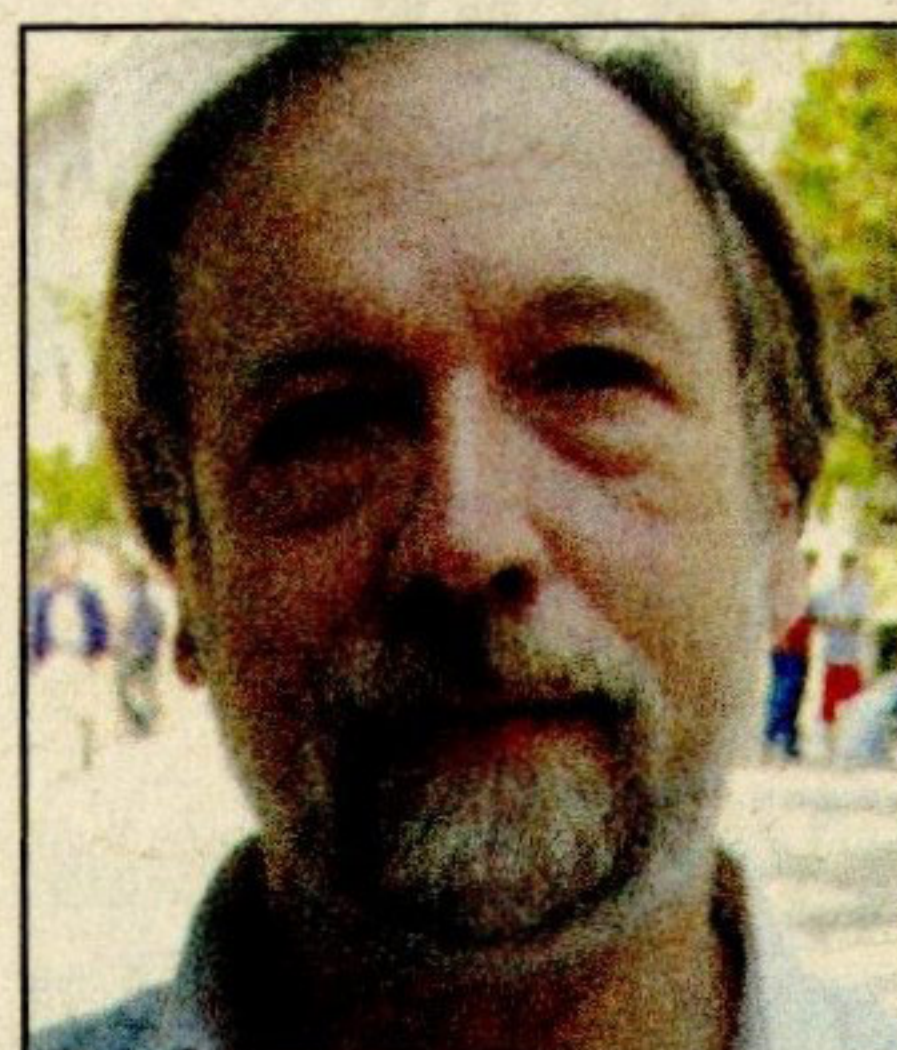
# Lagoa Henriques

**N**

o dia 21 do passado mês de Fevereiro morreu o escultor Lagoa Henriques. Estive com ele poucos meses antes da morte e apesar do abatimento provocado pela doença e a longa idade (87 anos) ainda conservava a conversa lúcida e a memória fresca que sempre o caracterizaram.

Os artistas, os escritores e os poetas do Século XX, em particular os da sua geração, foram seus companheiros e amigos. Foi uma geração notável que através de talentos como o de Almada Negreiros, Eduardo Viana, Canto da Maia, Barata Feyo, José Escada, só para citar alguns, deu à Arte portuguesa alguns dos momentos mais criativos desde os tempos da Renascença. Lagoa teve uma presença forte nesse discurso e apesar de ter visto grande parte da sua obra destruída no incêndio do seu *atelier* em 1973 ainda deixou marcas indeléveis na arte pública, tendo Leiria sido contemplada com a bela escultura, "Lenda do Lis e do Lena", na fonte luminosa junto ao jardim.

Nas gavetas do seu *atelier* ficaram desenhos magníficos, dum traço possante, que ainda mais do que as esculturas ilustram a tenacidade das ideias numa busca incessante da perfeição, ressuscitando do anonimato os objectos insólitos que detectava em cada sítio, pedras, madeiras, conchas, lixo, que saídos do silêncio iam participar numa ofegante viagem das formas. Para ele a palavra desenho significava aventura, compreensão e rigor. Não admira pois que tivesse deixado nos seus numerosos alunos das Escolas de Belas Artes do Porto e Lisboa uma marca indelével. Ainda há pouco o arquitecto leiriense António Figueiredo me declarou que foi o melhor professor que teve. O mesmo posso eu dizer. Nos anos 60 as Belas Artes de Lisboa estavam no Século XIX e toda a novidade era recebida com desconfiança. Salvador Dali queixava-se que na



Pedagogo de excepção, sabia que o seu papel era ensinar a ver porque saber ver era ser livre. Desenhar não era reproduzir um objecto, desenhar era compreendermo-nos a nós próprios

**JORGE ESTRELA**  
Historiador

Barcelona dos anos 20 os professores apelavam à imaginação dos alunos quando o que ele queria era aprender técnica dado que imaginação já ele tinha. Em Lisboa nem imaginação nem técnica ou seja nada. Foi nesse nada que Lagoa Henriques apareceu em meados da década de 60 e os alunos verificaram que afinal aprender era possível. Pedagogo de excepção sabia que o seu papel era ensinar a ver porque saber ver era ser livre. Desenhar não era reproduzir um objecto, desenhar era compreendermo-nos a nós próprios. E no absurdo guião de umas estátuas em gesso vimos que os traços podiam ser significantes e no nada podíamos ser tudo.

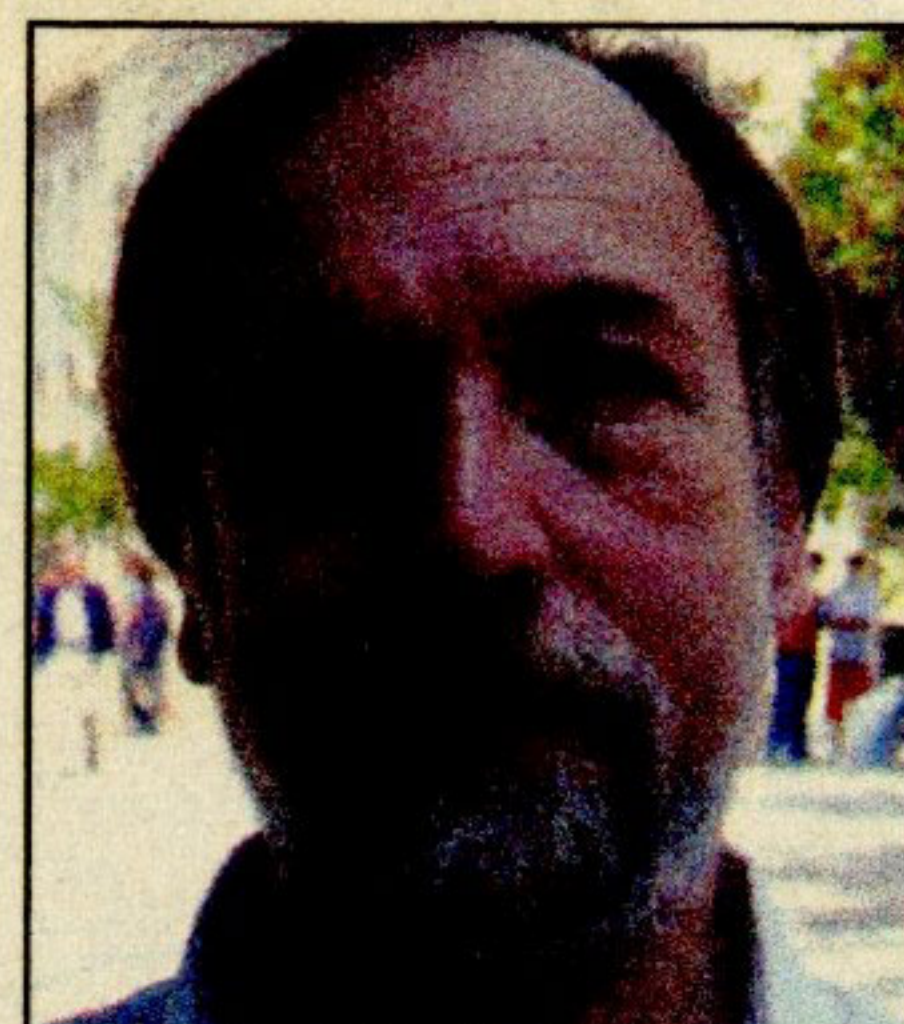
Há cerca de dois anos Lagoa veio a Leiria para uma pequena homenagem que lhe prestou a Câmara retirando do anonimato a sua escultura. Foi uma homenagem mais do que merecida. Quando o arquitecto Chorão Ramalho pensou o edifício da Caixa Geral dos Depósitos a âncora que lhe serviu para desenvolver o projecto foi essa escultura. Mais tarde os arquitectos João Nunes e Charters Monteiro servem-se dela para o arranjo geral da Praça o que veio a marcar a evolução de todo o espaço do antigo Rossio. Ou seja, depois de um século de experimentações titubeantes foi a força criativa de um desenho que ordenou o sentido das coisas. O mesmo aconteceu no Chiado onde a estátua de Fernando Pessoa se tornou um ícone de Lisboa. Para Lagoa a arte pública nunca foi um palco para mostrar o umbigo mas sempre um instrumento de participação desafiando as pessoas a viverem nela, gerindo-a, e finalmente a serem elas a elevá-la ao estatuto de obra de Arte. O mesmo aconteceu no ensino pois se foi o Mestre que moldou os alunos foram os alunos que fizeram o Mestre reservando-lhe o maior dos reconhecimentos que é a gratidão da memória. ■



# O Vale do Lis

**L**eiria é o rio Lis. Se não fosse o rio esta cidade nunca teria existido. É um rio pequeno, quase secreto, com uma nascente indefinida que se escoia através dos meandros das serras, também elas indefinidas que nomeamos pelo escuso nome de Maciço Cársico Estremenho. Este pequeno milagre das águas que se filtram pela serra seca e, num primeiro momento, emergem naquilo que precisamente se chama ribeiro Seco e depois se reúnem a outros fios de água que vemos brotar dos montes da Maúncia numa filigrana de nascentes, é o “Fermoso Rio Lis que entre arvoredos, vai detendo as águas vagarosas” nas palavras de Francisco Rodrigues Lobo, que o baptiza de Lis em 1601 na “Primavera”, o mais leiriense livro da sua trilogia pastoril. E logo ali, num primeiro movimento, o rio flui numa alegria encantatória junto ao primeiro povoado que lhe aproveitou as virtudes, a aldeia das Fontes. O poeta descreve as suas águas que “medrosas vão fugindo por entre as raízes de amargosas novigueiras”, nogueiras que ainda lá estão, profusas e frescas, no primeiro passo do seu curso que logo se abre com hortas e pomares como se o sentido pródigo da vida se embalasse no momento do despertar. Aí se forma o vale, um dos mais belos de Portugal, bordado de salgueiros, amieiros, choupos, freixos, que seguindo o poeta “com a benigna inspiração do Céu, e disposição da terra não somente são as plantas mais formosas à vista, os frutos mais saborosos ao gosto, as flores mais suaves ao cheiro e alegres aos olhos”.

O vale são os campos, os trigos, as aveias, os milhos, as frutas e as encostas de vinhas e oliveiras que trepam até às securas das cumeadas, onde desperta a flora selvagem dos carvalhos, dos pilriteiros, das aroeiras, das madressilvas, dos alecrins, que do



Sendo esta a única zona do concelho com potencial turístico, o termo não deve meter medo, não se trata de transformar o vale numa feira, mas dar aos viajantes e amantes da natureza condições de fruição das suas condições excepcionais

**JORGE ESTRELA**  
Historiador

alto ajustam o juízo rebelde da “silva” lembrando que a paz acolhedora do leito existe porque as agruras das rochas se erguem para lhe dar descanso.

Até Leiria o vale espraia-se e agita-se alimentando as aldeias que por ele existem, Andreus, Reixida, Cortes, Famalicão, Abadia, Barreira, Telheiro, Vidiagal, reunindo um notável património rural, ainda por estudar e que sem protecção velozmente se degrada.

Foi este conjunto, rio, vale, aldeias e homens, que entreteceu uma paisagem singular, memória lírica da cidade que, durante séculos, encantou viajantes e geógrafos e derramou orgulhosamente os seus produtos nos mercados urbanos.

Hoje a veiga do Lis está doente. Sem ordenamento ou enquadramento paisagístico, com uma agricultura de circunstância, mais guiada pela saudade que pela eficácia, sem planos, transformouse num beco da Cidade estirando-se inútil pela beira das estradas. Se alguma coisa é a prova viva da falência das governações, nacionais e locais, é o estiolar desses campos. Leiria tem de reagir a uma situação que ainda é reversível criando condições de salvaguarda deste espaço único, incentivando a evolução desta micro-agricultura para um modelo ambientalmente sustentável, proporcionando condições privilegiadas de escoamento de modo a torná-la competitiva, para que os leirienses possam conscientemente abastecer-se naquilo que é seu. Sendo esta a única zona do concelho com potencial turístico, o termo não deve meter medo, não se trata de transformar o vale numa feira, mas dar aos viajantes e amantes da natureza condições de fruição das suas condições excepcionais. Se não se vê clareza nos horizontes convém parar e pensar. As cidades governam-se com ideias e a pior das ideias é não fazer nada. ■

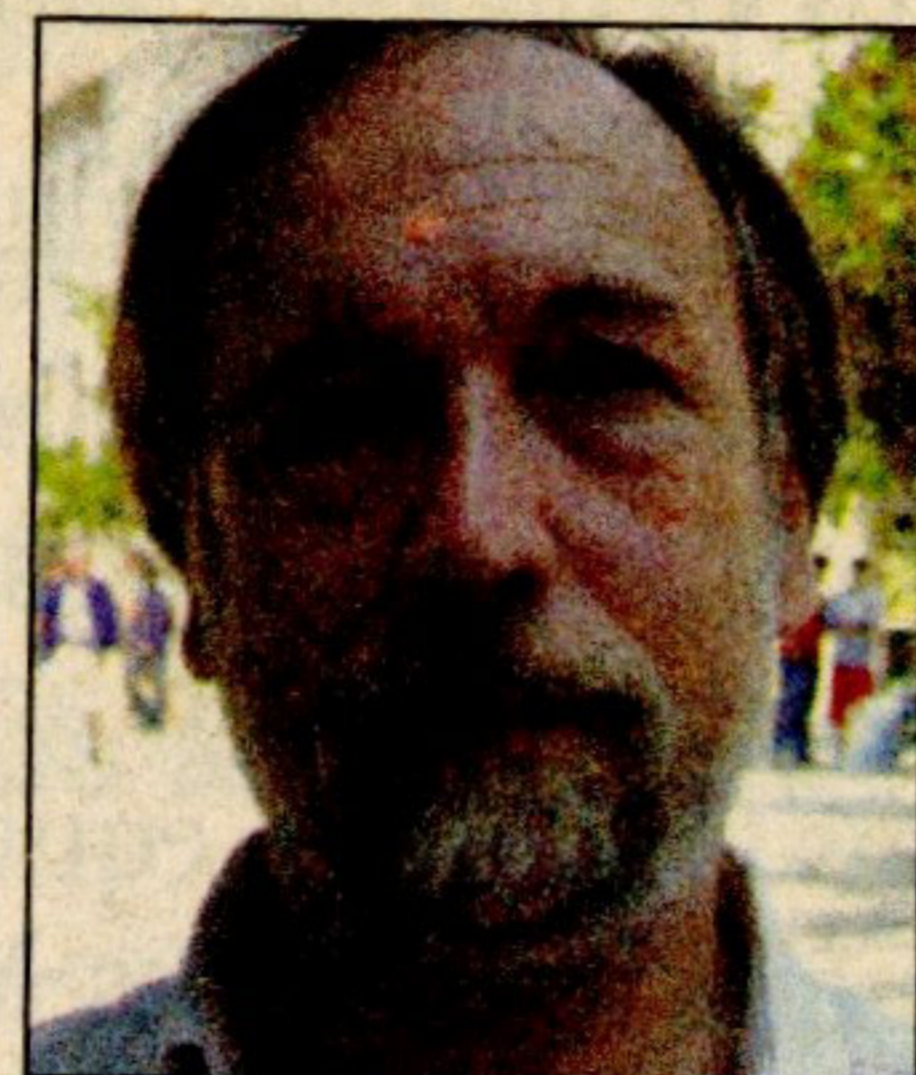


# A Leiria de Rodrigues Lobo

**H**á tempos tivemos oportunidade de falar nesta coluna de um livro da autoria de Selma Pousão Smith recentemente editado e intitulado *Rodrigues Lobo os Vila Real e a estratégia da dissimulatio*. O livro, com uma abordagem inovadora baseada na meticolosa análise dos processos da inquisição entre os finais do Séc. XVI e o primeiro terço do Séc. XVII, revela uma Leiria hoje desconhecida com uma forte comunidade judaica e de Cristãos novos, uma igreja quezilenta, um Bispado em plena ascensão e a acção governativa da poderosa casa dos Marqueses de Vila Real. Depois surge o Poeta inspirado com uma prosa luminosa que o torna uma das figuras proeminentes da história da literatura portuguesa. Na próxima Sexta-Feira teremos oportunidade de ouvir a autora, na Casa Museu João Soares nas Cortes, e esclarecer muitas das suas propostas que conduzem a uma nova interpretação desses textos e aproximam o Poeta, de forma indelével, da Cidade que o viu nascer.

Uma interrogação imediata

surge sobre o que nos ficou dessa Cidade antiga. A resposta é imprecisa pois o que resta é de avaliação difícil. A teia urbana da cidade seiscentista é essencialmente a mesma, na configuração das ruas, das praças e dos alinhamentos. A Praça Rodrigues Lobo, na época Praça de S. Martinho, continua ainda hoje a ser o principal centro de encontro e convívio, pelas ruas, se bem que não haja casas conservadas na íntegra, podemos ver muitas que guardaram a morfologia, na composição exterior restos de janelas e cantarias são abundantes. Um caso exemplar é a casa dita “dos pintores” no largo Paio Guterres, outrora Largo dos banhos, que a Câmara em boa hora recuperou. A Sé tirando os janelões da fachada que datam de 1758 conserva--se na íntegra inclusivamente o lagedo e o arranjo exterior datado de 1618. Também pertenceu à visão de Rodrigues Lobo o Convento e parte da Igreja de Santo Agostinho (a fachada é posterior) e provavelmente o ancoradouro fluvial anexo ao Convento que bem merecia uma intervenção de restauro. A Fonte quente, que então era conhecida por Fonte Olho de Pedro, ainda existe embora num



Quanto ao Castelo podemos considerar que o aspecto actual está mais próximo daquilo que poderia ter sido observado por Rodrigues Lobo que o edifício desmantelado dos finais do Séc. XIX.

**JORGE ESTRELA**  
Historiador

contexto muito alterado. Segundo a proposta de Selma Pousão Smith teria sido a Fonte de Sileno que originou um dos mais belos poemas da “Primavera”. Na Rua da água, hoje Rua Comandante João Belo, ainda podemos ver em ruínas casas que pertenceram ao poeta. São as do pequeno triângulo no fim da rua que são referidas no testamento do irmão, Miguel Lobo, “...as casas que pertenceram ao meu irmão no fim da Rua da Água quando se vai para o Terreiro”. A Rua da Água, onde o Poeta nasceu, tinha esse nome devido ao ribeiro afluente do Lis que nascia na Fonte Freire e era conduzido para uma represa no Largo da Lagoa, Largo Padeira de Aljubarrota nos nossos dias, que fazia funcionar vários moinhos anexos ao Palácio dos Marqueses de Vila Real assim como o moinho recentemente descoberto no antigo Palácio do Bispo, onde hoje está a Zara, e que era o Moinho do Canto pertencente às freiras de Santana. Os seus restos estão montados sem gosto no Largo Cónego Maia.

Das Igrejas apenas nos ficaram a de S. Pedro, as ruínas da Igreja da Pena no Castelo, onde Korrodi veio a inserir o arco principal da Capela de Santo Antó-

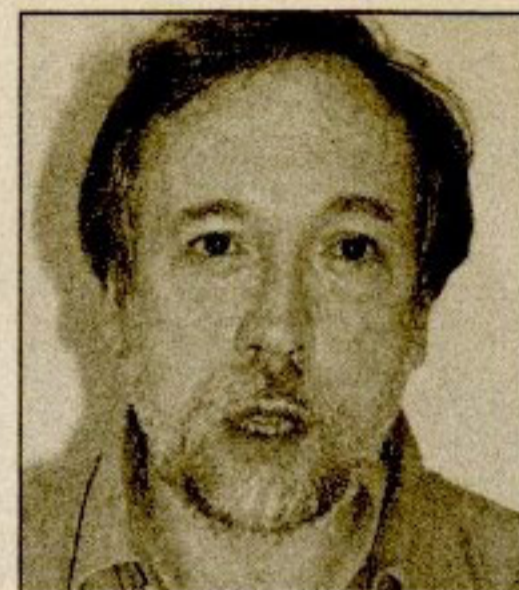
nio do Carrascal, que estava no local do actual cemitério, parte da Igreja de S. Francisco e talvez a pequena Capela de S. João recentemente descoberta nas traças do Governo Civil. As outras Igrejas, Santo Estevão, Misericórdia, Espírito Santo, Senhora da Encarnação, estão no mesmo sítio mas com frontarias do Séc. XVIII. Quanto ao Castelo podemos considerar que o aspecto actual está mais próximo daquilo que poderia ter sido observado por Rodrigues Lobo que o edifício desmantelado dos finais do Séc. XIX.

Fora isto apenas podemos ver o que nos foi facultado por fontes documentais, O Palácio dos Marqueses de Vila Real na Praça Rodrigues Lobo assim como as fachadas viradas para o Rossio e talvez as colunas que continuavam as arcadas da Praça e que foram demolidas nos anos sessenta. A tipologia da coluna que ficou é medieval e sobre elas assentariam varandas, balcões segundo a terminologia que chegou até hoje, que terão desaparecido ainda no decurso do Século XVII.

É para uma visita a esse tempo que os leirienses são convidados na próxima Sexta Feira dia 14. ■



## Cultura e Tradição



Após 150 anos de tentativas ainda não se conseguiu fazer museu nenhum, que o velho mercado de Santana foi trasladado para um mausoléu inútil, e que a grande aposta da Cidade foi num estádio vazio.

**JORGE ESTRELA**  
Historiador

**R**egressado há poucos dias de Barcelona, onde já não ia de modo prolongado há cerca de 20 anos, tive ocasião de verificar a extraordinária vitalidade de uma Cidade. Com uma economia próspera e um consciente orgulho de si própria, Barcelona vive um dos melhores momentos da sua história, tal como na primeira metade do Século XV e no último terço do Século XIX. A grande transformação baseia-se em dois tópicos tidos em Portugal como absolutamente secundários, a Cultura e a Tradição. Não é por acaso que Eugénio d'Ors, escritor catalão especialista em Barroco, com um olhar particularmente terno sobre Portugal, explicitou no princípio do Século XX que "fora da tradição tudo é plágio", frase que o cineasta Luís Buñuel citava por vezes, notando que sem a perceber estava absolutamente de acordo.

O Museu de Arte da Catalunha, há 20 anos um pequeno museu residual, tornou-se num dos maiores e mais modernos da Europa, a recuperação do núcleo arqueológico do Bairro Gótico e a sua integração no Museu da Cidade é das mais originais e eficazes da Península Ibérica, a vida exuberante da obra de Gaudí, bem delineada em circuitos claros é uma mais valia económica dum turismo forte sem ser intrusivo. A aposta cultural fez com que os pequenos ou grandes museus, Dali, Picasso, Miró, de Arte Contemporânea, de Etnologia, de História da Catalunha, de Arte Pré-Colombiana, etc... funcionem com invejável dinamismo. Mas a Cultura não são só museus, teatros ou livrarias, estende-se para a rua e vivifica o quotidiano. Basta ver o Mercado de La Boqueria na Rambla para compreender como a visão feérica dos ingredientes, os peixes, os mariscos, as frutas, os legumes, que numa explosão pletórica e anónima se fundem com a própria Cidade, atraem milhares de

peças das 10 da manhã às 8 da noite. É bem claro que se por lá passasse a A.S.A.E. fechava metade do mercado, não porque os produtos não estivessem frescos mas precisamente porque estão frescos, assunto que ultrapassa a compreensão duma fiscalização higienista incapaz de compreender o mundo fora dos trâmites burocráticos de duvidosas embalagens e do preciosismo de informações anexas muitas vezes inúteis.

Em Portugal passa-se exactamente o contrário, o Mercado da Ribeira, outrora um foco atractivo da baixa lisboeta, fechou sendo substituído por nada, os museus estão na sua maioria vazios esbracejando com dificuldades orçamentais e quando aparece alguém procurando inverter a tendência é posto na rua como aconteceu no Museu Nacional de Arte Antiga. Os frescos de Almada Negreiros nas gares marítimas, peças fundamentais da cultura portuguesa do Século XX, estão vergonhosamente encerrados ao público há mais de 10 anos, a Lisboa romana está há 50 anos entaipada, as termas da Rua da Prata, conservam-se invisíveis, o primeiro porto de Lisboa na Praça da Figueira, fundamental para a compreensão da Cidade, foi barbaramente destruído.

Se formos para exemplos mais miniaturais, caso de Leiria, verificamos que após 150 anos de tentativas ainda não se conseguiu fazer museu nenhum, que o velho mercado de Santana foi trasladado para um mausoléu inútil, e que a grande aposta da Cidade foi num estádio vazio.

A razão principal do insucesso está naquilo que as sucessivas governações são incapazes de compreender e que é simplesmente que o sucesso das cidades, grandes ou pequenas, são a Cultura e a Tradição, porque são elas que constituem a sua originalidade e as razões para terem orgulho de si próprias. ■

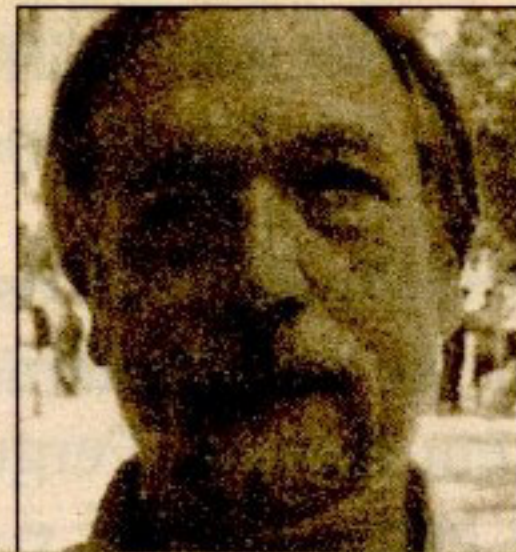


# Mega centro comercial em Leiria

**N**as vésperas da decisão camarária sobre o projecto que se instalará na outrora chamada zona desportiva de Leiria algumas reflexões impõem-se. A primeira é que as opções sobre a natureza evolutiva desse espaço foram tomadas há muito e em boa parte por simples inércia. O primeiro plano para essa zona entre castelo e rio foi elaborado pelo engenheiro sivicultor Horácio Eliseu ainda no dealbar dos anos 50 do século passado. Uma área polidesportiva centrada num pequeno estádio desenvolvia-se em bosque contendo pequenos núcleos de passeio e lazer, um então denominado teatro de verdura ao ar livre e uma integração no marachão do qual era no fundo um alargado prolongamento. Desse plano além do estádio só se deu seguimento à rede viária que durante anos se quedou errática e inútil não ligando nenhum dos pólos propostos entretanto votados a um apático esquecimento. O excelente e sensível plano de Horácio Eliseu perdeu-se irreversivelmente empoeirado pelas gavetas camarárias. Entretanto uma série de estruturas não previstas foram ocupando os espaços. As piscinas municipais resultantes duma ambígua troca de terrenos que conduziram à demolição de um dos ícones da Cidade, o teatro Dona Maria II, e a construção do Nerlei, dentro do simplório pressuposto de que o mundo empresarial só se move bem à sombra do futebol. Finalmente foi destruído o velho estádio, que apesar de pequeno era demasiado grande para o diminuto número de adeptos, para ser substituído por uma infra-estrutura pesada e cara para o mesmo anedótico número de adeptos.

Assim quando se indica a envolvente do estádio para a construção de um mega centro comercial a operação surge como recurso de salvamento face a uma série de discutíveis opções. A questão é saber se de facto vai salvar alguma coisa e sobretudo se consegue ter o papel aglutinador que o estádio nunca teve.

Portugal entrou na era dos centros comerciais com mais



Quando os centros comerciais periféricos dos anos sessenta começaram a declinar na Europa começámos a construir os nossos, sem aproveitar as lições que mostravam quanto rapidamente se tornavam obsoletos, deixando profundas feridas na paisagem, arquitecturas miserandas, e graves fricções na vida urbana onde de resto nunca participaram.

**JORGE ESTRELA**  
Arquitecto

de 20 anos de atraso. Quando os centros comerciais periféricos dos anos sessenta começavam a declinar na Europa começámos a construir os nossos, sem aproveitar as lições que mostravam quanto rapidamente se tornavam obsoletos, deixando profundas feridas na paisagem, arquitecturas miserandas, e graves fricções na vida urbana onde de resto nunca participaram. Os centros comerciais emergentes têm como características principais uma considerável dimensão e uma centralidade que de algum modo permite moldar espaços citadinos adaptando-os a novas realidades. Apesar das dificuldades inerentes à localização, geografia difícil com a interposição do morro do castelo, proximidade do rio com implicações nas construções de subsolo implicando indesejáveis mexidas abaixo do nível freático, são de considerar positivas as virtualidades de união de duas partes da Cidade, até agora vivendo separadamente, só possível com um forte elemento polarizador que articule essa desejada ligação.

Todo o projecto será julgado a partir da capacidade de integrar adequadamente o centro histórico o que implicará uma reformulação da rua Mousinho de Albuquerque, quiçá vocacionada para uso pedonal, e um novo uso da mata do castelo que poderá funcionar como parque urbano.

Como é habitual o pequeno comércio observa com angústia a aproximação do ogre. Isso só mostra a incompreensão que tem da sua própria actividade. Vivendo numa total paralisia imaginativa não vê que serão os principais beneficiados duma solução estratégica capaz de trazer para a Cidade a população de uma periferia alargada que noutras circunstâncias nunca os iria visitar.

Espera-se que finalmente que uma série de equívocos possam ser corrigidos, marginalização do Rio Lis, um mercado municipal inútil e grotesco, um estádio desintegrado, uma zona de serviços espectral, um jardim sucessivamente adiado, será pedir muito a um projecto mas é melhor a esperança do que coisa nenhuma. ■



# O Retábulo da Sé

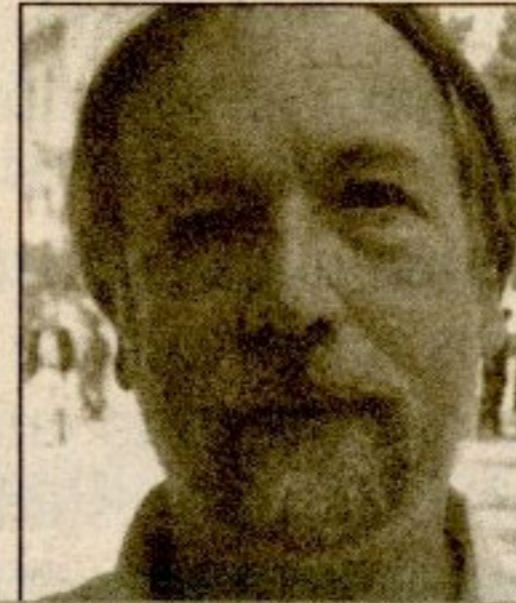
**E**mbora não seja comum abordar questões específicas de História da Arte em artigos de opinião o que é certo é que também aí há opiniões e por vezes elas transcendem o âmbito restrito dos especialistas e podem participar amavelmente na observação de todos. É o caso do retábulo da Sé de Leiria peça importante da Arte portuguesa dos inícios de Seiscentos, quotidianamente exposta ao olhar dos leirienses e certamente milhares de vezes contemplada por crentes e não crentes. A pintura que aí vemos é de autoria bem estabelecida, a de Simão Rodrigues, um dos pintores mais activos na viragem do século XVI para o XVII. Também temos uma data para a execução, o ano de 1606, intervalo entre duas importantes encomendas, o retábulo-mor da Igreja do Convento das Relíquias do Carmo, na Vidigueira, realizado em 1605, e as tábuas da Sacristia da Sé Velha de Coimbra em 1607.

A razão da escolha de Simão Rodrigues deve-se ao facto de ser ele um intérprete privilegiado das ideias propagandísticas das iconografias pós-tridentinas de Sixto V de que terá tido conheci-

mento em Roma numa presumível deslocação cerca de 1585.

Tratava-se se uma submissão sumária a uma pintura convencional dita "senza tempo" com imagens severamente controladas em que o artista tinha pouca margem de manobra. Em Itália tais ditames não sobreviveram á morte de Sixto V em 1590, mas em Portugal prolongar-se-iam durante quase um século.

O retábulo como está hoje conserva a tela central a Assunção da Virgem incontestavelmente de Simão Rodrigues e por cima um tondo representando a Coroação da Virgem de menor valia técnica e talvez do seu colaborador Manuel Lampreia da Mata. Em baixo está um espaço vazio que foi ocupado por uma desaparecida tela que uma persistente tradição oral indicava ser uma Adoração dos Pastores, tema que Vítor Serrão considera "lógico em termos de unidade de programa iconográfico". O que aconteceu a essa tela é mais ou menos conhecido e podemos seguir a informação de Vitorino da Silva Araújo, historiador e arqueólogo que viveu em Leiria em meados do século XIX. Ao comentar os estragos provocados pelas invasões francesas refere "Mas o que sobretudo offe-



A razão da escolha de Simão Rodrigues deve-se ao facto de ser ele um intérprete privilegiado das ideias propagandísticas das iconografias pós-tridentinas de Sixto V

**JORGE ESTRELA**  
Arquitecto

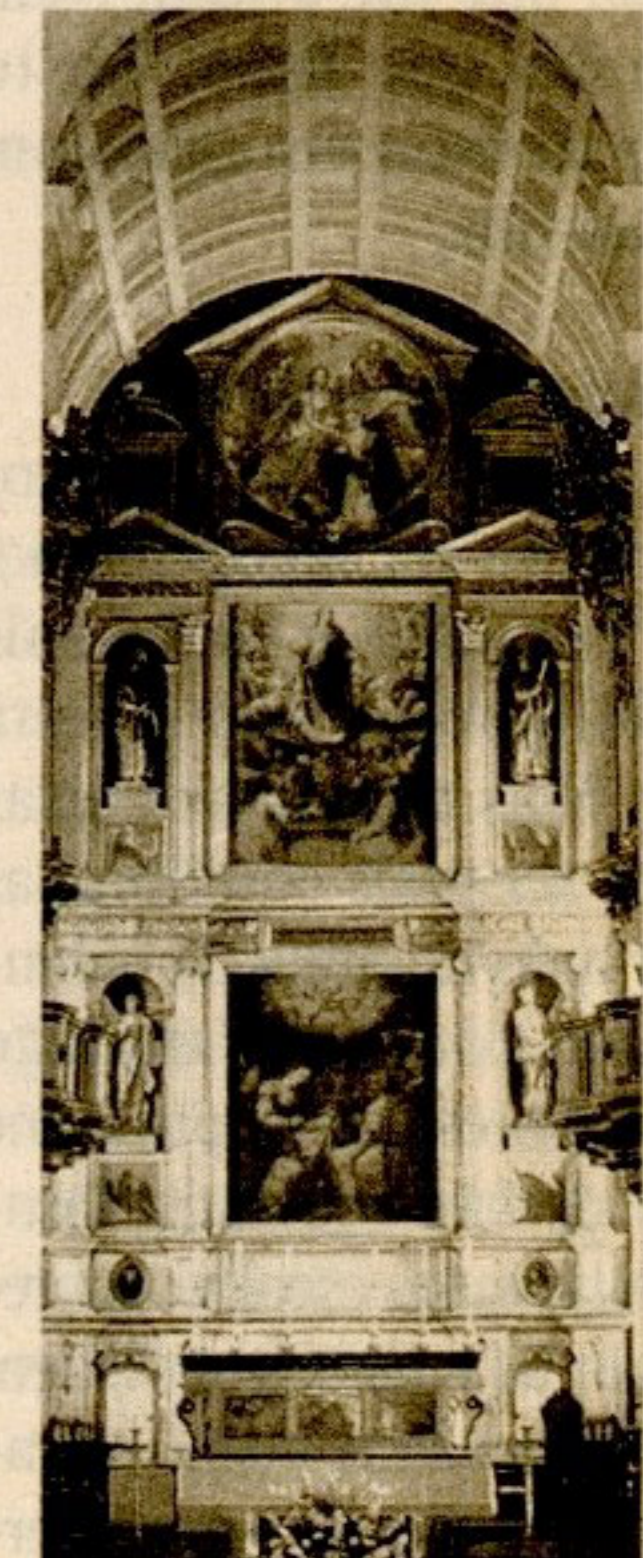
recia um espectáculo mais desolador, era a grandiosa cathedral, onde, parece, os Vândalos se haviam scilicet albergado! Metade do grande retabolo da capella-mór, os das outras capellas, e tudo mais que havia de madeira no vasto e magestoso sanctuario, fora quasi totalmente queimado".

Poderíamos através de tais vicissitudes nunca saber concretamente como seria o retábulo de Sé, mas neste caso talvez haja um pequeno fio condutor que nos leve a uma hipótese plausível. Na sacristia da Sé há um quadro representando uma Adoração dos Pastores cuja história antiga é conhecida. Pertenceu ao Bispo de Leiria Frei António de Santa Maria que o deixou à Sé por conta de um empréstimo que foi saldado através deste invulgar pagamento. Isso indicia um particular interesse da Sé nessa pintura. As medidas dessa pintura são exactamente um terço do espaço disponível para a desaparecida tela do retábulo e sabemos que era essa a proporção utilizada para o estudo prévio de peças de maior importância. Estilisticamente a tela da sacristia é perfeitamente compatível com Simão Rodrigues quer através do rosto da Virgem quer através da composição que vamos reencontrar na

Capela-mor da Igreja do Carmo em Coimbra. Corroborando esta dedução está a frase "Gloria In Excelcis Deo" que um anjo segura por baixo da mesma frase incisa na madeira do retábulo.

Se assim for podemos reconstituir o retábulo inicial e formalizarmos a visão que dele tiveram durante séculos os habitantes da Cidade.

Fica uma sugestão ao Bispo para que reconduza ao interior da própria Igreja uma imagem que bem merece uma visão mais pública. ■



Reconstituição do altar-mor da Sé



# O significado da Ota

**N**o dia 24 de Julho de 1834 as tropas liberais comandadas pelo Duque da Terceira, vitoriosas em Cacilhas depois de uma audaciosa incursão pelo Algarve, preparavam-se para um mais que incerto cerco de Lisboa quando chegou a notícia absolutamente imprevista de que o Duque de Cadaval evacuara a Cidade. A Cidade foi ocupada e D. Miguel que nos fins de Junho tinha a guerra praticamente ganha via-se subitamente sem as principais Cidades do reino apesar da grande superioridade militar do seu exército. Indeciso dirigiu-se ao seu estado-maior e pediu conselho sobre a conduta a seguir. O Conde Louis de Bourmont que tinha acabado de assumir o comando geral das tropas foi peremptório: reconquistar Lisboa porque Portugal sem Lisboa vale menos que Lisboa sem Portugal. No fundo estava apenas a referir aquilo que os factos históricos desde há séculos haviam demonstrado, quando as tropas de D. João I de Castela em 1383

falham o cerco de Lisboa só lhes resta a retirada, quando D. João da Áustria em 1663 conquista Évora e Alcácer do Sal a impossibilidade de ocupar Lisboa aborta a incursão, quando Massena em 1811 encontra os obstáculos das linhas de Torres que salvam Lisboa só lhe resta fugir. O reino de Portugal era Lisboa, a economia era Lisboa e o resto era paisagem adjacente. Esta macrocefalia de Lisboa transformou-a numa das Cidades mais fascinantes da Europa mas sistematicamente impediu o desenvolvimento do País.

Nos princípios do Século XXI poderíamos esperar que outros raciocínios viessem nortear o ordenamento do território e Portugal olhasse finalmente para o interior de si próprio, de costas viradas para o Tejo como dizia Pessoa, e reparasse no que se passava no interior das fronteiras mais antigas da Europa. Desde meados do século passado que Orlando Ribeiro chamava a atenção para as assimetrias que a diversidade geológica, florestal e florística e as idiossincrasias resultantes dum povoamento



**Infelizmente a política partidária tomou conta da geografia e cada partido resolveu ter o seu aeroporto. O raciocínio do espaço português foi substituído por palavras de ordem pascendo militâncias e rebocando interesses privados (...)**

**JORGE ESTRELA**  
Historiador

ancestral reflectiam no comportamento de povoações isoladas que sobreviviam quase autónomas e apenas remotamente ligadas às sucessivas governações. O Algarve, o Minho, Trás-os-Montes, as ilhas xistosas do interior, o Alentejo, as Lezírias, as grandes Cidades do litoral, representavam economias paralelas com fracas ligações entre si. Hoje tudo mudou e seria de esperar que o comportamento dos políticos também mudasse.

Um dos geógrafos que tem pugnado por uma nova compreensão do território é Jorge Gaspar, um antigo aluno de Orlando Ribeiro que na esteira do Mestre conseguiu transformar nos anos setenta o Curso de Geografia da Faculdade de Letras de Lisboa num dos melhores da Europa. A sua leitura de um território integrado ficou explicitada no seu livro sobre *As Regiões Portuguesas* editado em 1993 destacando a Beira Litoral e a Região Oeste como pontos fundamentais do desenvolvimento do País fazendo a ligação entre as áreas metropolitanas de Lisboa e Porto e potenciando cor-

tes transversais para o interior. Nas suas palavras "As acções de ordenamento do território, em curso, ou programadas, têm implícitas as medidas que daqui devem decorrer. É bom que essas mensagens sejam assumidas por toda a comunidade".

Não admira pois que Jorge Gaspar seja um acérrimo defensor de um aeroporto na Ota, que estudou e defendeu múltiplas vezes e considera o eixo estruturante de um Portugal moderno.

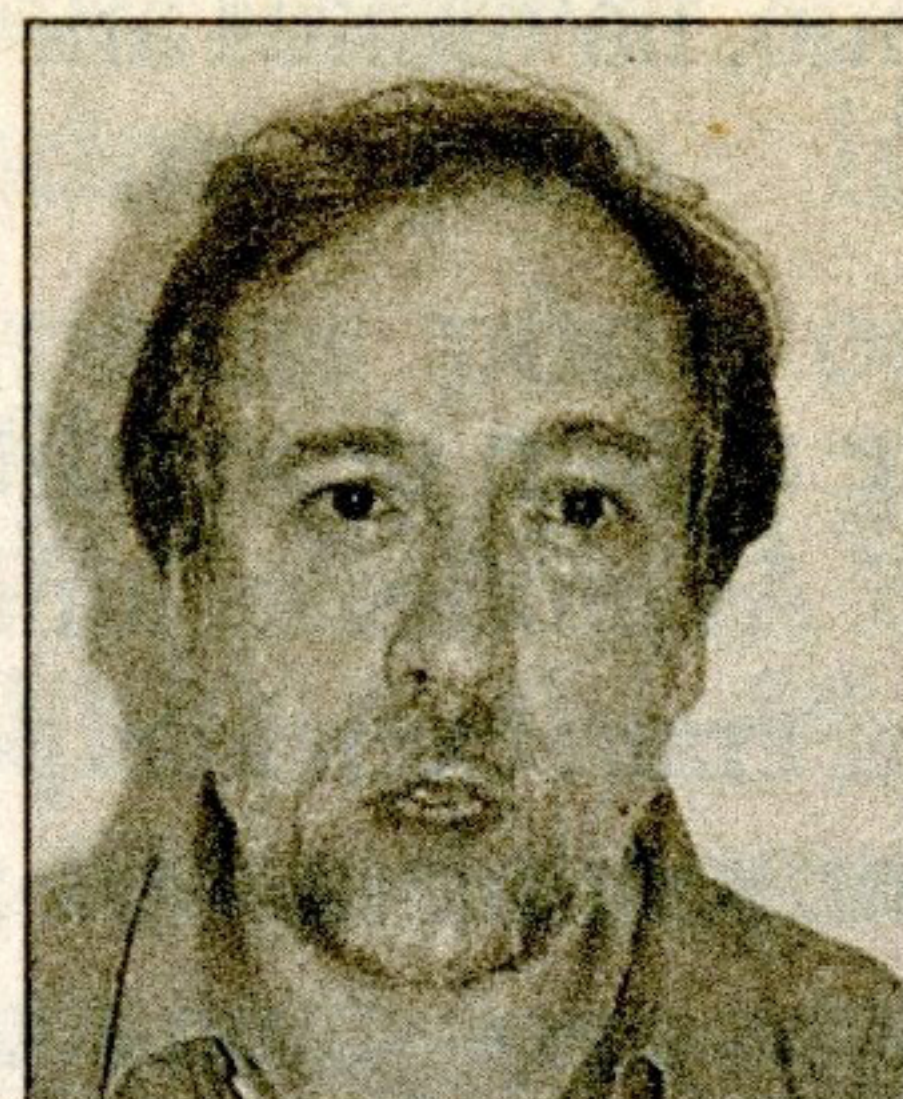
Infelizmente a política partidária tomou conta da geografia e cada partido resolveu ter o seu aeroporto. O raciocínio do espaço português foi substituído por palavras de ordem pascendo militâncias e rebocando interesses privados, e tudo serve desde as contas de merceiro sobre deslocamento de terras ao comprimento das pistas. Os custos imensos da falta de visão estratégica não são contabilizados. O aeroporto deve ficar colado ao remanso dos ministérios e servir o engrandecimento da tal Lisboa sem Portugal. Quem fica a perder é evidentemente este último. ■



# O caso do Museu de Arte Antiga

**E**ste título vagamente policial adequa-se bem aos acontecimentos que nos últimos dias envolveram o M.N.A.A. A actual directora, Professora Doutora Dalila Rodrigues, viu o seu mandato interrompido após três anos de gestão, atitude absolutamente inédita na história centenária do Museu, o último director esteve lá perto de 20 anos, e completamente contraditória com a prestação realizada, triplicar o número de visitantes e quadruplicar as receitas, já para não falar de uma objectiva revitalização, das exposições de sucesso, das inúmeras visitas guiadas, de êxitos na angariação de mecenatos e de uma mediação bem sucedida.

A reacção da tutela foi pô-la na rua coberta pelo eufemismo de não recondução no cargo. O argumento apresentado é uma discordância de fundo nas concepções de gestão. O ponto de vista de Dalila Rodrigues é bem conhecido e publicitado. Trata-se de, à semelhança dos grandes museus europeus, caminhar para uma autonomia financeira que possa guindar o primeiro dos museus portugueses à posição que realmente merece, ou seja, depois do Prado ser o principal espaço ibérico dedicado à Pintura Antiga. A isso contrapõe a tutela um modelo de não gestão isto é, abrir e fechar portas ao acaso de rarefeitos visitantes, eventualmente regressar à modorra triste em que por vezes soçobrou. Ainda há poucos anos vi conferências serem apresentadas por não haver dinheiro para o ar condicionado, salas fechadas por falta de vigilantes, para não falar das infiltrações e do estado ruinoso de partes do edifício que a actual directora tentou pundonorosamente remediar. Diga-se que os sucessos de Dalila Rodrigues foram obtidos com o actual modelo de gestão através de um denodado esforço e de uma competência por todos reconhecida. Poderíamos argumentar que o futuro director poderá retomar as linhas traçadas com igual energia, assim se espera, mas isso não retira a constatação de que modelo vigente não tem as virtualidades renovadoras que as colecções merecem. O facto de alguém



O facto de alguém discordar pontualmente do quadro legal em que se move não significa que não faça o melhor dentro dele e sobretudo não implica demissão ou fuga

**JORGE ESTRELA**  
Arquitecto

discordar pontualmente do quadro legal em que se move não significa que não faça o melhor dentro dele e sobretudo não implica demissão ou fuga, senão teríamos um País a demitir-se ciclicamente dos seus cargos públicos ou privados, a começar pelos próprios ministros do actual governo.

Muito falta ao M.N.A.A. para ser melhor. Ampliação do espaço expositivo, estacionamento, ligação à 24 de Julho, revisão científica da colecção, onde em relação a muitos quadros se sobrepõem nomes indevidos, uma política de aquisições praticamente inexistente, etc. Eram os desafios em suspenso no momento em que tudo volta à estaca zero e que agora redundam em longínqua miragem.

Se este processo parece insólito, também o acto em si é revelador de uma manifesta falta de elegância, soturnamente proposto pela calada do Verão, esperando que o debate se dissolva no entorpecimento estival da opinião, ou seja, seguindo os parâmetros cínicos do que se costumava chamar uma história de poltrões.

Por fim, como muitas vezes acontece a questão redundou em querela partidária com o PSD e o CDS criticando o silenciar de uma voz incómoda. Mal estão os outros partidos em não fazerem o mesmo, a começar pelo próprio PS que tantas vezes se propõe como arauto do humanismo e da tolerância. O Professor Catedrático Dr. Pedro Dias, numa recente intervenção pública, lembrou que sempre conheceu a Dalila Rodrigues um gosto tendencial pela esquerda, quem escreve estas linhas é indefectivelmente de esquerda, e são muitas as pessoas de esquerda que se mostram indignadas com este processo de sombria censura pela razão simples de que a lisura não tem partido.

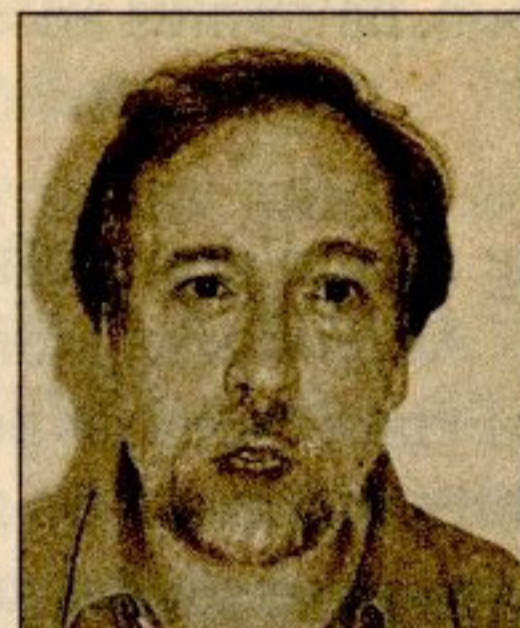
Quem sai claramente prejudicado é M.N.A.A. que vê cerceada uma dinâmica criativa e evolarem-se projectos sólidos como a projectada exposição de Zurbarán, que indubitavelmente lhe daria uma dimensão internacional, quedando-se apático na confusa espera de melhor sorte. ■



# O caso do Museu de Arte Antiga

**E**ste título vagamente policial adequa-se bem aos acontecimentos que nos últimos dias envolveram o M.N.A.A. A actual directora, Professora Doutora Dalila Rodrigues, viu o seu mandato interrompido após três anos de gestão, atitude absolutamente inédita na história centenária do Museu, o último director esteve lá perto de 20 anos, e completamente contraditória com a prestação realizada, triplicar o número de visitantes e quadruplicar as receitas, já para não falar de uma objectiva revitalização, das exposições de sucesso, das inúmeras visitas guiadas, de êxitos na angariação de mecenatos e de uma mediação bem sucedida.

A reacção da tutela foi pô-la na rua coberta pelo eufemismo de não recondução no cargo. O argumento apresentado é uma discordância de fundo nas concepções de gestão. O ponto de vista de Dalila Rodrigues é bem conhecido e publicitado. Trata-se de, à semelhança dos grandes museus europeus, caminhar para uma autonomia financeira que possa guindar o primeiro dos museus portugueses à posição que realmente merece, ou seja, depois do Prado ser o principal espaço ibérico dedicado à Pintura Antiga. A isso contrapõe a tutela um modelo de não gestão isto é, abrir e fechar portas ao acaso de rarefeitos visitantes, eventualmente regressar à modorra triste em que por vezes soçobrou. Ainda há poucos anos vi conferências serem apressadas por não haver dinheiro para o ar condicionado, salas fechadas por falta de vigilantes, para não falar das infiltrações e do estado ruinoso de partes do edifício que a actual directora tentou pundonorosamente remediar. Diga-se que os sucessos de Dalila Rodrigues foram obtidos com o actual modelo de gestão através de um denodado esforço e de uma competência por todos reconhecida. Poderíamos argumentar que o futuro director poderá retomar as linhas traçadas com igual energia, assim se espera, mas isso não retira a constatação de que modelo vigente não tem as virtualidades renovadoras que as colecções merecem. O facto de alguém



O facto de alguém discordar pontualmente do quadro legal em que se move não significa que não faça o melhor dentro dele e sobretudo não implica demissão ou fuga

**JORGE ESTRELA**  
Arquitecto

discordar pontualmente do quadro legal em que se move não significa que não faça o melhor dentro dele e sobretudo não implica demissão ou fuga, senão teríamos um País a demitir-se ciclicamente dos seus cargos públicos ou privados, a começar pelos próprios ministros do actual governo.

Muito falta ao M.N.A.A. para ser melhor. Ampliação do espaço expositivo, estacionamento, ligação à 24 de Julho, revisão científica da colecção, onde em relação a muitos quadros se sobrepõem nomes indevidos, uma política de aquisições praticamente inexistente, etc. Eram os desafios em suspenso no momento em que tudo volta à estaca zero e que agora redundam em longínqua miragem.

Se este processo parece insólito, também o acto em si é revelador de uma manifesta falta de elegância, soturnamente proposto pela calada do Verão, esperando que o debate se dissolva no entorpecimento estival da opinião, ou seja, seguindo os parâmetros cínicos do que se costumava chamar uma história de poltrões.

Por fim, como muitas vezes acontece a questão redundou em querela partidária com o PSD e o CDS criticando o silenciar de uma voz incómoda. Mal estão os outros partidos em não fazerem o mesmo, a começar pelo próprio PS que tantas vezes se propõe como arauto do humanismo e da tolerância. O Professor Catedrático Dr. Pedro Dias, numa recente intervenção pública, lembrou que sempre conheceu a Dalila Rodrigues um gosto tendencial pela esquerda, quem escreve estas linhas é indefectivelmente de esquerda, e são muitas as pessoas de esquerda que se mostram indignadas com este processo de sombria censura pela razão simples de que a lisura não tem partido.

Quem sai claramente prejudicado é M.N.A.A. que vê cerceada uma dinâmica criativa e evolarem-se projectos sólidos como a projectada exposição de Zurbarán, que indubitavelmente lhe daria uma dimensão internacional, quedando-se apático na confusa espera de melhor sorte. ■



# Palácio dos Marqueses de Vila-Real

Com a abertura de novos cafés, bares e pequenos espaços comerciais, a Praça Rodrigues Lobo e as ruas adjacentes têm vindo a conhecer uma revitalização que merece um especial relevo na evolução recente de Cidade. Basta ver num fim de semana, uma noite de Verão, com a população a encaminhar-se espontaneamente para um serão de convívio para verificar que algo está a mudar na sua relação com o centro histórico. O mais interessante é que na reconquista desse importante espaço urbano são sobretudo os utentes, a iniciativa privada e a compreensão cívica de algumas entidades, que tem granjeado os elementos agregadores de uma transformação até há bem pouco imprevisível.

Na realidade o que se passou foi a inversão de um processo que durou mais de 100 anos. A Praça Rodrigues Lobo, assim baptizada em 1877 substituindo o antigo topónimo de Praça de S. Martinho que existia desde o Século XVI, foi no final de novecentos um dos fulcros da discussão sobre a modernização da Cidade. Entendia-se então que os restos da Cidade medieval eram um obstáculo à clareza e à novidade que o limiar de um novo século exigia, os novos tempos pediam cara lavada e as vetustas pedras que pontuavam as esquinas surgiam como um lúgubre anúncio de pobreza e imobilismo. Levantando-se à entrada do Ros-

sio (hoje jardim público) estava robustamente instalado o pior dos inimigos, o Palácio dos Marqueses de Vila Real, respirando história, alongado numa sobriedade antiga, com as suas densas janelas manuelinas, as vidraças onduladas por trás das quais se adivinhavam as imagens encapotadas de fidalgos antigos. Pior que tudo surgia o arco que se estreitava na direcção do Rossio e que surgia como separador abusivo entre a Cidade e o ar livre. Enquanto do lado de fora se adivinhava construção, vapor e Mac Adam, a Praça encerrava-se melancólica no abraço insalubre do mercado de legumes que os campos lhe derramavam na calçada.

Pressões para a sua demolição foram-se tornando insistentes, sobretudo da parte dos comerciantes, e por fim a Câmara cedeu e o imóvel foi expropriado sendo demolido em 1888.

Nada disto teria muita importância se não existissem registos do edifício, desenhos e fotografias numerosas, uma das quais tirada da própria Praça que o revela em toda a sua plenitude. Quando vemos essas fotografias ficamos assombrados. Como foi possível? Olhemos a majestade serena daquele palácio, sem dúvida um dos mais belos do Século XVI português, que se existisse hoje seria um incontestado monumento nacional e juntamente com o castelo a peça mais relevante do património local, e interrogamo-nos sobre a ímpia torvação de espírito que levou à sua



Basta ver num fim de semana, uma noite de Verão, com a população a encaminhar-se espontaneamente para um serão de convívio para verificar que algo está a mudar na sua relação com o centro histórico.

## JORGE ESTRELA

Arquitecto

demolição. Mesmo para a sensibilidade da época, o arco recatado sobrepujado por duas pequenas janelas enquadradas numa volumetria caprichosa, as cantarias quinhentistas, as fachadas do lado do Rossio deslizando numa sedutora harmonia, eram elementos cativantes para qualquer observador minimamente culto.

Afonso Lopes Vieira refere nostálgico o dramático fim de um tempo "O desaparecimento deste solar empobreceu não apenas a arqueologia da cidade, mas o que é mais lastimável, aquilo que um burgo histórico tem de mais precioso\_ a atmosfera".

Os tempos seguintes assistiram à renovação sucessiva da Praça, alteração do pavimento central permitindo ruas largas para a circulação automóvel, demolição dos velhos edifícios substituídos por frustes réplicas, comércio bizarro com predominância de lojas de ferragens, anúncios proeminentes invadindo as fachadas, e por fim uma estátua de Rodrigues Lobo colocada num monumental pedestal contrariando a vontade do seu autor o escultor Joaquim Correia. No princípio dos anos noventa do Século 20 a praça, submersa por um estacionamento caótico, ruidosa e poluída, era dos locais mais indesejáveis da cidade.

Foi então que aos poucos o pro-

cesso se inverteu, curiosamente com um regresso ao passado. Foi reconstituído o velho pavimento de 1877, a estátua foi apeada o que lhe deu uma incontestável monumentalidade e finalmente foi vedada ao trânsito como nos finais do Século XIX. O resultado foi a adesão da população e o renascer da esperança numa feliz evolução do centro histórico.

Finalmente a Câmara tem agora ocasião de mostrar vigilância propugnando limpeza e harmonização das fachadas, em particular a do branco Ateneu que no princípio dos anos 80 numa voragem absurda se pintou de vermelho, regulamentação do impacto das insígnias, revisão da formulação paisagística que adormeceu num improvisado ingénuo. Já não se pode reconstituir o Palácio dos Marqueses de Vila Real mais ainda se vai a tempo de dar dignidade a um espaço único com um dos usos continuados mais antigos de todo o território português. ■





# Carrilho da Graça

O prémio Pessoa foi atribuído este ano ao Arquitecto Carrilho da Graça. No meu entender o prémio é totalmente merecido apoiando uma obra notável feita de contenção, com uma leitura inata das proporções inscrita numa longínqua memória neo-plasticista, grandes superfícies claras que se cruzam imaginativas em volumetrias dialogantes, um gosto pela simplicidade que não exclui o arrojo. Carrilho da Graça tem uma intervenção importante em Leiria no antigo Paço do Bispo hoje ocupado pela Zara. O edifício tem tido pouca exposição pública não sendo habitualmente integrado dentro das obras emblemáticas do arquitecto. Quanto a mim essa ausência também é mais do que merecida não estando à altura da qualidade expectável. A razão desta menoridade reside na incompreensão do espaço para o qual a obra foi concebida.

O assunto não era simples. As modificações do património arquitectónico do antigo Rossio de Leiria foram múltiplas desde a demolição do velho eixo histórico constituído pelo Palácio dos Marqueses de Vila Real e o Convento de Santana que durante séculos foram com o Castelo as estruturas mais marcantes da Cidade. Em todo o Século XX vários arquitectos de renome assinaram por ali projectos desgarrados como se o conjunto não existisse e apenas a sua solitária intervenção fosse digna de registo. Foi o caso de Ernesto Korrodi com o Banco de Portugal, de Raul Lino com o prédio que lhe é contíguo, de Cristino da Silva com a antiga Caixa Geral dos Depósitos, de Chorão Ramalho com a nova Caixa Geral dos Depósitos, do antigo Teatro D. Maria II cuja presença pomposa só resistiu 50 anos, do edifício "Garage" de Augusto Romão, belo exemplar de Arte Nova hoje alvo uma reconstrução polémica, de Camilo Korrodi com a Rodoviária, do paisagista João Nunes e José Charters Monteiro na nova Pra-



Carrilho da Graça optou pela mesma prática, a intervenção fez tábua rasa de tudo e criou confusão onde ela já existia

**JORGE ESTRELA**  
Historiador

ça que envolve a Fonte luminosa do escultor Lagoa Henriques, de Pôncio Dentinho com o arranjo do Jardim nos anos 80 e das novas intervenções que tentaram uma leitura integrada desta frenética agitação.

O resultado foi uma série de colagens cada uma ausente da outra como se um mostruário de obras ali estivesse exposto sem que um fio condutor alinhasse um raciocínio. Carrilho da Graça optou pela mesma prática, a intervenção fez tábua rasa de tudo e criou confusão onde ela já existia.

A fachada do velho Paço do Bispo construído em 1843 foi considerada pela Câmara como um dado adquirido, quanto a mim bem dada a rara presença urbana do neoclassicismo romântico e pese o interesse relativo do imóvel. Ao lado estava uma bela construção setecentista que foi arrasada sem interrogações. Durante a obra foi encontrada a ruína do velho Moinho do Canto, das freiras de Santana, uma memória do Século XV que normalmente deveria ter sido integrada no projecto, mas a capacidade de repensar a obra não pertence à arquitectura de hoje. A rua adjacente foi destruída com a criação de um buraco artificial digno de um subúrbio sertanejo. Finalmente a estima e o cuidado viraram-se para uns mediocres azulejos de fachada, produção em série datada de 1921.

Carrilho da Graça optou por fazer um projecto agregado ao existente sem qualquer solução de continuidade. Uma espécie de arquitectura de fita-cola. A integração da leitura do Castelo também não foi conseguida optando-se por um sublinhar de contrastes como se o Castelo tivesse sido colocado por cima do estirador. Nada disto é muito relevante em relação ao resto mas esperar-se-ia de Carrilho da Graça uma reflexão sobre a Cidade em vez de assinar mais um projecto. Talvez fosse pedir muito mas a qualidade confirmada do seu trabalho augurava melhores esperanças. ■



## | Opinião |

## Um teixo em Leiria

S uponho que poucos leirienses sabem o que é um teixo e na realidade essa ausência de conhecimento pouca falta lhes fará pela vida fora. Mais bem informados estão os que compraram o livro que saiu há umas semanas com o jornal *Público*, *Do castanheiro ao teixo*, e leram o belo artigo do Professor Fernando Catarino *Relíquias em Terras Altas*, onde a planta é descrita no seu habitat natural da Serra da Estrela e do Gerês com a paixão criativa que este notável botânico consegue comunicar a toda a frase escrita.

Para quem não sabe, o teixo (*Taxus baccata*) é uma árvore das zonas altas, frias e húmidas, espontânea nas frescuras dos cursos de água que adorna com o seu verde sombrio. Árvore de crescimento lento pode ter uma enorme longevidade, mais de mil anos, e portes impressionantes, 20 metros de altura e troncos de 5 metros de diâmetro. É o caso de certas árvores em Inglaterra, Holanda, Alemanha ou França, onde recolhidas nos muros protectores de igrejas, conventos, e cemitérios, estendem a sua sombra espessa tornando-se

nas relíquias vivas mais antigas do solo europeu. Em Portugal as proporções são mais modestas e a raridade maior, pois a planta por ser bastante venenosa é arrancada pelos pastores, que temendo que o gado a consuma a deixaram perto da extinção apenas sobrevivendo em vales e arribas inacessíveis. Outra estava muito divulgada e em certas zonas a sua plantação era mesmo obrigatória pois do cerne do teixo faziam-se os arcos de setas, as lanças e os piques (taxus em latim quer dizer arco) que serviram os exércitos europeus durante séculos. Daí os vários topónimos relacionados com a planta como Teixoeira, Teixeira, Teixeira, Teixoso, que designam muitas das povoações portuguesas.

O seu aspecto ornamental é notável, com o seu verde profundo e luzidio, as flores amareladas nos indivíduos masculinos e as lindas bagas (arilas) de um vermelho vivo nos femininos que lhe conferem uma beleza secreta que animou a literatura romântica do Norte da Europa. As aves consomem abundantemente essas bagas pois a polpa é comestível e a semente venenosa é expelida atravessando os intestinos sem se romper e assim



uma intervenção num jardim histórico (data de 1885) é mais do que uma abstracção de atelier e deve levar em conta as complexas miniaturas que o tempo estratificou.

**JORGE ESTRELA**

Arquitecto

disseminando a espécie.

Em Leiria havia um teixo até há pouco tempo. Estava num canteiro junto ao edifício do turismo. Não era muito antigo, talvez uns 30 ou 40 anos, nem muito grande, uns 4 metros de altura e um diâmetro de 15 centímetros. Mas tanto quanto eu sei era o único na cidade. Confesso que tinha um certo carinho por essa árvore e muitas vezes conduzi lá pessoas para lhes mostrar uma planta tão originalmente associada à nossa paisagem e à nossa história. Recentemente fui ao jardim observar os resultados da intervenção paisagística aí efectuada, e logo à entrada olhei para o local onde estava o teixo. Já lá não estava!

Sem espaço para análises aprofundadas vou ater-me ao escamoteamento imprevisto. O que aconteceu? Certamente que não foi desconhecimento pois o teixo ganha relevância logo nas primeiras aulas universitárias de material vegetal. Também não foi pelo facto da planta ser venenosa pois então teriam de ser erradicadas muitas das plantas ornamentais, a começar pelos loureiros rosa., os rododendrons, as daturas ou os jarros, não sendo aliás habitual ver os utentes deambular

pelos jardins ingurgitando as plantas.

Num esforço de compreensão olho para o lado esquerdo e vejo um lago *copy and paste* do que lá está, introdução dos anos 50 completamente fora dos planos iniciais do jardim e que já na altura suscitou críticas pelo seu carácter exógeno e mesquinho. Do lado direito a vegetação está rarefeita, novidade que se esconde por detrás do vocábulo "transparência", jargão técnico para justificar cortes aleatórios que tem êxito assegurado junto a observadores incautos e cai bem nas apresentações camarárias. A má topiária das sebes de *ligustrum* mantém-se impávida e um pouco mais esburacada depois dos tratamentos do restauro. É claro que não estou aqui a fazer uma crítica global a um projecto. Estou apenas a manifestar o desgosto de ver partir o único teixo de Leiria, acção de limpeza que não mede o mérito do paisagista mas que denuncia ausência de sensibilidade, pois uma intervenção num jardim histórico (data de 1885) é mais do que uma abstracção de atelier e deve levar em conta as complexas miniaturas que o tempo estratificou. ■



## IC2



Alguém já pensou que o IC2 é a montra da Cidade? Como pode Leiria que no seu espaço interno tem feito progressos notáveis, que através do Polis conseguiu ao fim de décadas criar um amável diálogo com o rio, pactuar com o mais lamentável desordenamento do território?

**JORGE ESTRELA**  
Historiador

**S**e alguém seguir a sugestão tantas vezes lançada ao passeante curioso de sair das auto-estradas e fruir do pitoresco das pequenas e médias vias lançando um olhar repousado pelo que se costuma chamar o País real, talvez possa desfrutar da paisagem oferecida pelo IC2. Este suposto viajante poderia começar pela Batalha e depois de deambular pelas vetustas pedras alcandoradas a património mundial poder-lhe-ia surgir filtrada pela filigrana do tempo a palavra Leiria. Dirigia-se então placidamente ao IC2, afinal ia seguir por uma das mais antigas estradas de Portugal, rasgada no tempo de D. Maria I e durante séculos a maior de todas, o eixo do País, o veículo do progresso e do turismo, orgulho legítimo de muitas gerações.

O nosso viajante não demorará muitos minutos para perceber que caiu no comboio fantasma. De ambos os lados da estrada levanta-se toda uma teoria de pechisbeque, stands de automóveis, de motos, de camiões, fabriquetas de telhas, de tijolos, vendas ambulantes de piscinas, escritórios, restaurações manhosas, guindastes ao melhor preço, armazéns de revenda de primeira, segunda e terceira mão, empresas que se anicham entre dois pinheiros escavacados, espaços de exposição sabe-se lá de quê. Se acaso o viajante abalado pela visão lúgubre se interroga "mas o que é isto!?" tem a resposta na tabuleta seguinte, publicidades, sinaléticas, neóns, tudo exalta a informação, uns mais altos que outros, letrings desmesurados, bandeiras, monos grotescos empoleirados por cima da cozinha ideal ou de pilhas de mobília. Se o viajante se pensou vítima de um mal-aventurado troço desengane-

se, é mesmo assim, metro a metro, em impante linha contínua até chegar a Leiria. A proximidade da Cidade fá-lo porém arquejar de novas emoções. Chegou ao território dos hipermercados, plantados numa arquitectura de caixa de sapatos, do urbanismo caótico, em que a única nota de humanidade provém dos terrenos da prisão escola.

Ao chegar a Leiria espera-o uma rotunda onde vegeta uma tristíssima estátua de D. Dinis e para que o olhar não esmoreça lá está em banda contínua uma abracadabrante cópia de cartazes.

Se o nosso viajante invadido por uma irrefragável sensação de desastre se sumir pela primeira saída que se perfila ao olhar estarecido vai parar directamente à rotunda Mac Donald, entre o Hotel Ibis e a bomba de gasolina, para repouso do olhar tem no meio uma inenarrável procição de mosaicos onde nem o porco falta, e finalmente, num arfar melancólico, pode dirigir-se à auto-estrada onde a habitual balbúrdia lhe vai parecer uma paz celeste.

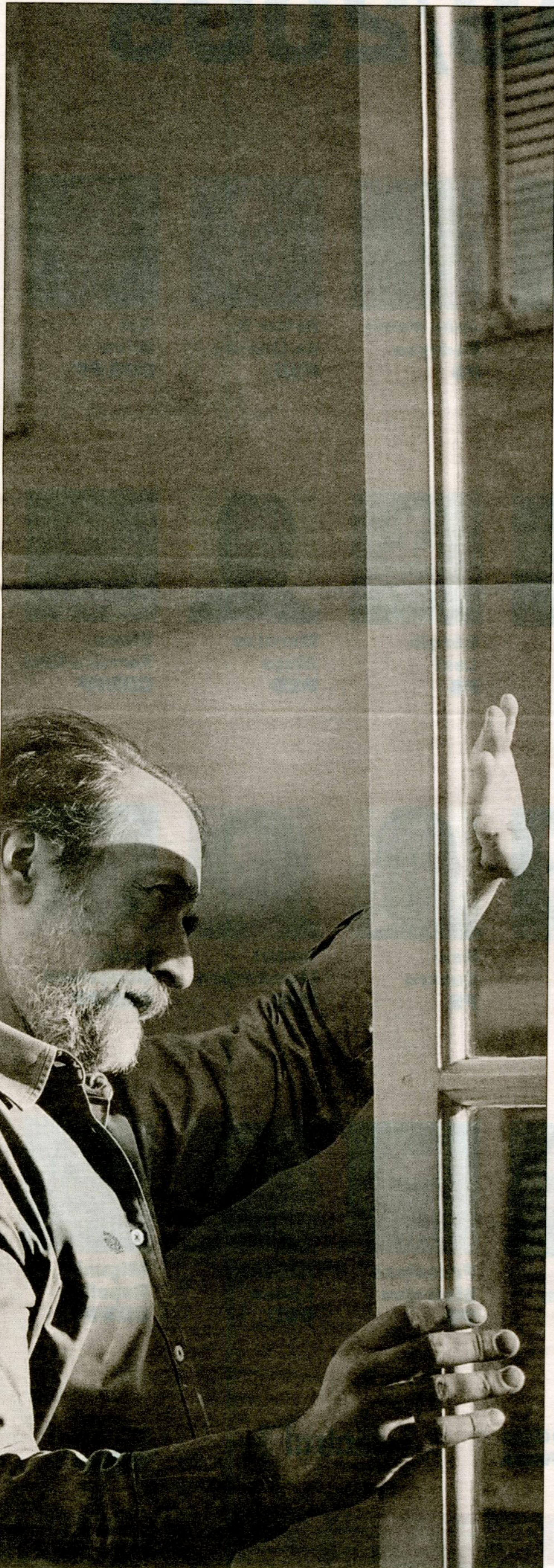
Alguém já pensou que o IC2 é a montra da Cidade? Como pode Leiria que no seu espaço interno tem feito progressos notáveis, que através do Polis conseguiu ao fim de décadas criar um amável diálogo com o rio, pactuar com o mais lamentável desordenamento do território? Como se pode chegar a uma tão extremada insensibilidade paisagística? As primeiras impressões podem ser falazes mas marcam duramente a memória de quem chega. É bem evidente que os agentes turísticos leirienses só podem esperar desilusões pois quem atravessar as emparedadas estradas adjacentes jamais terá desejo de parar perante uma tão estuante negligência. ■



Jorge Estrela, descendente dos barões do Salgueiro, mestre em História de Arte

# “Leiria era um sítio mágico”

Diz que a Leiria onde cresceu, um mundo de “rios com águas cristalinas” e com uma “biodiversidade notabilíssima”, uma espécie de “paraíso terrestre”, desapareceu totalmente. Considera a questão ambiental o maior problema do concelho. Apesar de apoiar Isabel Damasceno, não está totalmente de acordo com a autarca.



**JORNAL DE LEIRIA (JL)** - Nasceu em Angra do Heroísmo, em 1944, numa época em que os Açores eram uma ponte para o outro lado do Atlântico, devido à Segunda Guerra Mundial. Há alguma relação entre o local do seu nascimento e aquele conflito?

**Jorge Estrela (JE)** - O meu pai, Fernando Pinho Soares de Albergaria e Almeida, leccionou alguns anos em Angra do Heroísmo. Nasci lá em 1944. Nesse ano, o Atlântico estava cheio de submarinos. A minha mãe, Lucinete Ritto Estrela, queria que eu nascesse em Leiria. Mas não pôde vir, com medo dos ataques dos submarinos alemães. Por isso, nasci nos Açores. Em 1945, a minha irmã Fátima, que é bióloga, já nasceu em Leiria, assim como o meu irmão Paulo, hoje professor de Matemática. O avô da minha mãe, general Honorato Estrela, era membro da Maçonaria de Leiria, juntamente com Ernst Korrodi, Tito Larcher, entre outros. Do lado do meu pai, a minha avó era descendente dos barões de Salgueiro, com casa no Terreiro, etc, etc. O meu avô paterno, é francês, ligado à engenharia, tendo trabalhado com o Eiffel. Outro mundo.

**JL** - Jorge Estrela, na qualidade de descendente dos Barões de Salgueiro, família influente do século XIX, pertence a uma elite de leirienses que após o 25 de Abril perdeu peso na cidade a favor de uma “elite do betão”, mais dada ao crescimento de Leiria do que ao seu desenvolvimento. O que é feito dessa elite cultural que durante tantas gerações marcou a capital de distrito?

**JE** - Elite é uma palavra da qual desconfio. As elites são formadas por pessoas com conhecimento, com ligações à vida pública, que acompanham o processo de desenvolvimento das cidades. Não acredito nas elites de nascimento, a não ser os que cresceram em meios culturais, com mais possibilidades do que os outros. Mas isso são casos. E muitas das pessoas que tiveram essa sorte acabaram por a deserdar.

**JL** - Mas onde estão os leirienses que poderiam influenciar o poder político mais na óptica do desenvolvimento da cidade do que sob o ponto de vista do seu crescimento?

**JE** - As elites leirienses, para aplicar o termo utilizado, nunca

foram realmente de Leiria. Se recuarmos aos anos 30, o doutor José Saraiva, pai de António José Saraiva e de José Hermano Saraiva, não nasceu em Leiria, apesar dos filhos terem nascido cá. Outro exemplo: o doutor José Mattoso, pai de José Mattoso, um dos maiores historiadores portugueses, veio para Leiria trabalhar no Banco Nacional Ultramarino. Ernst Korrodi veio da Suíça. Tito Larcher veio do Norte para Porto de Mós e só depois viveu Leiria. Narciso Costa, uma das pessoas mais brilhantes que existiu em Leiria, veio de Braga. As famílias tradicionais de Leiria contribuíram para o lado conservador e negativo da cidade. Mais: as grandes famílias de Leiria desertaram. Estou à vontade para dizer isso. Os Barba Alardo, que tiveram grande influência no século XIX, foram-se embora, os Albuquerque, da Quinta da Fábrica, também. Os Ataídes venderam a casa, os Guerras também não estão cá, acontecendo o mesmo com os Charters, embora esta família tenha preservado a sua propriedade. Leiria é uma espécie de couto longínquo. Apesar de tudo, ainda existem algumas referências positivas, como

sar de tudo, o meu pai tinha vários amigos em Leiria, como o doutor Primitivo Lopes, entre outros. A minha mãe, que adorava Leiria, bem procurou que o meu pai concorresse a uma escola da cidade. Mas o meu pai sempre recusou liminarmente essa hipótese. A minha avó, descendente do Barão do Salgueiro, viveu sempre em Lisboa. A casa do Terreiro servia para passarmos a Páscoa. É evidente que tudo isso criou algumas distâncias. A minha ligação a Leiria tem a ver com as férias. Os meus melhores momentos foram passados na Quinta da Carvalha.

**JL** - O que o motivou a intervir publicamente em Leiria?

**JE** - Foi ver que o mundo onde cresci em Leiria, um mundo de rios com águas cristalinas e com uma biodiversidade notabilíssima, uma espécie de paraíso terrestre, desapareceu totalmente. Acho isso criminoso. Leiria era um sítio mágico, com a sua ruralidade e com as suas misérias, mas com uma vertente ambiental extremamente atraente. A Quinta da Carvalha, a um quilómetro e meio de Leiria, era um autêntico paraíso de biodiversidade, com raposas, mochos e outras espécies de animais. A perda dessa biodiversidade, dessas águas cristalinas, muito associadas à poesia, é absolutamente irreparável. É preciso juntar todos os esforços para inverter esse processo. Todos os autarcas que não estiverem nessa direcção são maus autarcas. É tão claro como isso.

**JL** - A sua participação no projecto do jardim da Almoíña Grande tem a ver com essa tal motivação de intervir publicamente em Leiria?

**JE** - Tem a ver com o meu gosto por Leiria, mas também pelo meu interesse pelos jardins, em especial pela sua componente botânica. O que eu e o arquitecto Rui Ribeiro estamos a projectar é um jardim consagrado à infância, uma espécie de enorme jardim infantil, não no sentido de apetrechamento com materiais de catálogo, mas mais pela criação do imaginário e do tal contacto com a natureza que, se maravilhou as crianças de uma determinada época, não vejo por que não há-de maravilhar as de hoje

**JL** - Já assumiu publicamente o seu apoio a Isabel Damasceno, que se recandidata à Câmara de



As famílias tradicionais de Leiria

contribuíram para o lado conservador e negativo da cidade. Mais: as grandes famílias de Leiria desertaram. Estou à vontade para dizer isso

José Charters, por exemplo, que aparecem e procuram influenciar a cidade de maneira positiva. Mas são uma minoria.

**JL** - Reside em Lisboa por motivos profissionais ou Leiria não o atrai?

**JE** - O meu pai não gostava muito de Leiria, achava a cidade um bocado esquisita e não se sentia bem aqui. Em Agosto e Setembro ficávamos na Quinta da Carvalha, nos Parceiros, propriedade da minha família, nessa altura uma espécie de paraíso terrestre. Ape-



Leiria, assim como a Mário Soares, que está em vias de anunciar a sua candidatura à Presidência da República. O que têm em comum estas duas personalidades para merecerem o seu voto?

JE – São pessoas que acreditam em coisas relacionadas com o bem público e têm feito um esforço grande para que a evolução vá nesse sentido. O doutor Mário Soares sempre defendeu a liberdade, algo que se conquista todos os dias, porque quando as pessoas se distraem já não a têm. Em Portugal, que passa por uma grande crise, a questão da liberdade põe-se sempre. O doutor Mário Soares também é um factor de união, que congrega os portugueses. Por exemplo, a impressão que me manifestou, em tempos idos, sobre a doutora Isabel Damasceno, foi boa, apesar de pertencer a um partido diferente. É uma pessoa ecléctica. Quanto a Isabel Damasceno, acho que tem uma tarefa gigantesca para cumprir. Apanhou a Câmara de Leiria num estado desastroso. As gestões anteriores foram muitíssimo más. Muito do que de mau ainda existe em Leiria é consequência de decisões anteriores. Leiria continua a estar cheia de defeitos, mas a gestão de Isabel Damasceno tem sido guiada pelo desejo de fazer bem, embora ache que o estádio foi um duvidoso empenho de capital.

JL – O estádio, porquê?

JE – Sobretudo, sob o ponto de vista da gestão, pois trata-se de um mono muito difícil de gerir. Não foi a melhor opção. Mas, globalmente, as coisas têm sido bem feitas. E deve-se encorajar as pessoas que fazem bem. Mas também queria referir a questão da água. Leiria teve uns dias sem água boa para consumo. Neste momento, a tendência é para ir buscar água fora do concelho, nomeadamente a Coimbra. Sou completamente contra isso, pois significa ignorar as nossas águas e os nossos rios. É ignorar a tal biodiversidade. Acho isso gravíssimo. O facto de apoiar Isabel Damasceno não significa que esteja de acordo com tudo. Espero que tome uma posição correcta sobre este assunto.

JL – Se tiver ocasião de falar com Isabel Damasceno que pedido lhe vai fazer para a cidade?

JE – Que faça um esforço maior para resolver os problemas ambientais em Leiria, sobretudo a água do rio, conservar as fontes e olhar com atenção para a gestão florestal do concelho, questão que não pertence à autarquia que, no entanto, pode influenciar. A questão ambiental é o maior problema de Leiria.

JL – Até que ponto a instalação em Leiria de um mega centro comercial poderá afectar o comércio do centro histórico?

JE – Estou de acordo com um mega centro comercial em Leiria. A história antiga da cidade esteve sempre ligada a certas vias do comércio. Leiria foi sempre um local de encontro de pessoas de fora da cidade. É uma cidade terra-de-ninguém entre Lisboa e Coimbra. A



DAMIÃO LEONEL

ocupação foi feita por pessoas de fora. A comunidade judaica, que existiu até ao século XVII, teve uma importância enorme em Leiria. Algumas das grandes personalidades de Leiria eram judeus, como o poeta Rodrigues Lobo e o mestre Guedelha, conselheiro económico de D. Dinis. A economia leiriense esteve muito ligada à comunidade judaica. Leiria deixou de existir quando desapareceu a comunidade judaica.

JL – Isso aconteceu quando?

JE – Sobretudo no reinado de D. João III e depois no reinado de D. João IV, neste caso, muito derivado às pressões dos marqueses de Vila Real, que nessa altura eram os donos de Leiria. Quando os marqueses de Vila Real foram decapitados, em 1642, em Vila Viçosa, por conspirarem contra D. João IV, Leiria perdeu os judeus e a aristocracia. Perdeu tudo, ficou sem nada. Ao ponto de um conhecido viajante, no tempo do Marquês de Pombal, ao passar por Leiria, ter dito: é uma cidade grande, demais para a gente que tem. A nova nobreza veio para cá, principalmente depois das guerras civis, como foi o caso da minha família, embora

o ramo dos Albergaria já estivesse aqui instalado desde o século XVI. O que retomou Leiria foi o eixo Lisboa-Porto e o comércio.

JL – Que tipo de comércio?

JE – O das grandes superfícies, que podem ser úteis ou não sob o ponto de vista estratégico, é uma



Estou de acordo com um mega centro comercial em Leiria. A história antiga da cidade esteve sempre ligada a certas vias do comércio. Leiria foi sempre um local de encontro de pessoas de fora da cidade

questão a pôr. Leiria, devido às grandes superfícies, passou a receber pessoas de outras cidades, com implicações económicas positivas. Um mega centro comercial no cen-

tro histórico de Leiria é uma boa ideia.

JL – O que leva um aristocrata a simpatizar com o Bloco de Esquerda (BE)?

JE – Voto geralmente no BE porque acho que a utopia é necessária. Além disso, a minha família, apesar de muito ligada à monarquia, sempre teve uma vertente republicana. O meu pai era profundamente republicano. Eu sou monárquico. Mas por uma razão diferente. Se tivesse nascido em 1890, certamente seria republicano. Hoje, a República é uma coisa indecisa. A Primeira República foi aquilo que sabemos. E depois aconteceu o salazarismo. Neste momento, numa altura em que Portugal vai perdendo identidade, mesmo em relação à Espanha e à Europa, o rei não existe. O rei é uma figura simbólica, tal como a República deveria ser. Ora, símbolo por símbolo, se não há mais nada, acho que a monarquia agrega mais. Afirmo isto, embora o meu pai tenha sido republicano e a minha família, de esquerda. O meu pai apoiou Norton de Matos e Humberto Delgado. Nasci com uma consciência de esquerda, com a ideia firme da liberdade. ■

Damião Leonel

## Perguntas dos outros

**Vitor Lourenço**, vereador da Cultura da Câmara de Leiria  
Até onde poderá envolver-se no estudo e divulgação da história de arte de Leiria? E para quando a disponibilização ao público da sua vasta e erudita biblioteca em espaço nobre da cidade?

A minha disponibilidade é total. Sempre estive ligado ao que se passa no distrito de Leiria. Existem imensas lacunas, imensas terras de ninguém, mesmo históricas... Por exemplo: para quando um estudo mais consciencioso sobre as origens magrebins de certas populações das serras de Aire e Candeeiros? Na Chainça, por exemplo, existiu uma tribo berbere (Norte de África). Para quando um estudo decente sobre essas potencialidades? E sobre as igrejas concelhias? Eu, por iniciativa própria, não estou quieto nem calado. Farei sempre as minhas investigações, mesmo sobre o Castelo, apesar das brilhantes investigações do doutor Saul António Gomes. Enquanto houver pessoas com sentido crítico para desvendar o que está por esclarecer, isso é benéfico para a cidade. Em relação à minha biblioteca, com algumas dezenas de milhar de livros, está sempre acessível aos investigadores, especialmente ao nível da história de arte e da botânica.

**José Marques da Cruz**, escritor, Leiria

Como observador atento e interessado da cidade, com algumas intervenções marcantes no seu desenvolvimento estrutural, acha que tem havido da parte dos poderes públicos a devida cautela na preservação do património que nos foi legado pelos leirienses nossos antepassados?

A minha resposta é liminar: não tem havido cautela nenhuma. Em 1977, eu, o José Marques da Cruz e o arquitecto Rui Ribeiro fizemos uma exposição sobre a evolução urbana de Leiria. Tinha acabado de regressar de Paris, onde vivi cerca de dez anos. Achei a cidade diferente, no bom e no mau sentido. Então resolvi estudar o que foi Leiria. E surgiu essa exposição. Ao comparar Leiria do século XIX com Leiria de 1977, pôs-se a nú todas as tendências que infelizmente se concretizaram. Portanto, todas as intervenções que desde essa época se fizeram na cidade têm sido negativas em relação ao espaço urbano. Vejo uma excepção nos últimos anos de gestão da doutora Isabel Damasceno. A cidade, hoje, está melhor e mais bonita. Também espero que a intervenção do Polis venha a ter algum significado. Pelo contrário, a envolvente de Leiria tem sido um desastre. E o centro histórico é uma ruína. É tão claro como isso. ■

## Percurso

Embora descendente de famílias aristocráticas de Leiria, Jorge Manuel Estrela de Pinho e Almeida nasceu com uma consciência de esquerda, muito por culpa do pai, fervoroso republicano, apoiante de Norton de Matos e de Humberto Delgado. Após terminar o curso de pintura na Escola de Belas Artes de Lisboa, Jorge Estrela partiu para França, onde viveu cerca de dez anos, tirando o mestrado em História de Arte (pintura holandesa do século XVII) na Sorbonne. Surpreendido com o Maio de 68 em Cannes, onde vivia, partiu logo para Paris, onde participou activamente na agitação estudantil, tal como já havia feito em Lisboa, em 1962, demonstrando, então, o seu "horror" às ideias estalinistas. Identificado com a ala esquerda do PS, hoje é próximo do Bloco de Esquerda. É, sem dúvida, um dos cidadãos mais cultos sobre a região. É responsável pela exposição "A nova vida das imagens - pintura restaurada da colecção de Leiria, séc. XVI, séc. XVIII", patente no antigo edifício do banco de Portugal ■



# Exposição no Centro Cultural João Soares, Cortes Gravuras retratam *Invasões* *Francesas* em Leiria

Um total de 100 gravuras de época, de grandes dimensões (cerca de um metro de largura), todas a cores, constituem o acervo da exposição *Leiria no tempo das Invasões Francesas*, concebida pela equipa residente do Centro Cultural João Soares, pólo da Fundação Mário Soares, em Cortes, Leiria, onde estará patente de 4 de Julho a 31 de Dezembro. "Algumas gravuras são mesmo inéditas, como as da autoria de João Mouzinho de Albuquerque, que passou por Leiria no século XIX", explica Jorge Estrela, director deste centro cultural. Em certos casos, fez-se a reconstituição adaptada de fotografias de interpretação difícil e algumas gravuras foram coloridas, por meios informáticos, para proporcionar melhor leitura. Sempre que possível, os originais estão presentes, assim como os livros onde estão inseridas. Durante os meses de Setembro e Outubro, serão realizadas conferências e colóquios sobre o tema, de acordo com programa a divulgar.



## METADE DOS HABITANTES DESAPARECEU

Esta exposição evoca o bicentário dos acontecimentos mais trágicos de Leiria, no decorrer dos seus quase mil anos de história. Além da mortandade ocorrida a 5 de Julho de 1808, durante quatro anos (entre 1807 e 1811), a cidade foi dezenas de vezes atravessada por exércitos, fran-

ceses, portugueses, espanhóis e ingleses. E todos deixaram marcas penosas de sofrimento, espoliação e morte. Os desastres maiores foram provocados pelos franceses, não só pelos massacres que dizimaram a população e pelas pilhagens, que partilharam com as tropas inglesas, mas sobretudo pelos incêndios que praticamente des-

truíram a cidade. Acabada a guerra, o regresso daqueles que se foram instalar no meio das ruínas culminou com uma epidemia de cólera que vitimou centenas de pessoas. Contas feitas, mais de metade dos habitantes tinham desaparecido.



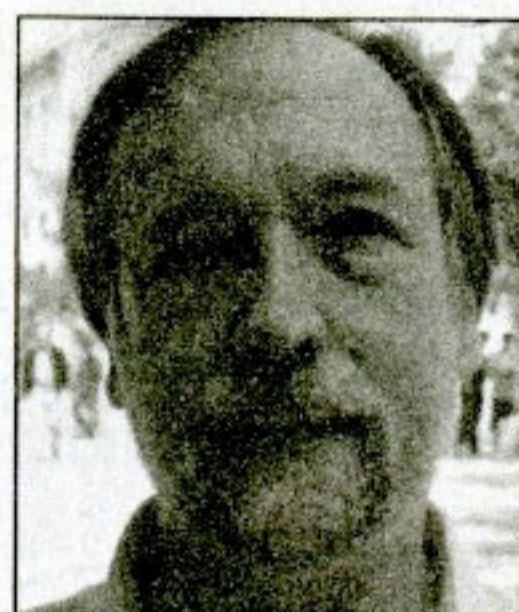
# Leiria no Tempo das Invasões Francesas

O próximo Sábado dia 5 de Julho marca uma efeméride dramática na cidade de Leiria. Os levantamentos contra os franceses que no decorrer do mês de Junho de 1808 eclodiram no norte do país vieram bater às portas da Cidade nos primeiros dias do mês de Julho.

Não se sabia bem o que era nem quem os conduzia. O que se verificava é que de terra em terra, aldeia em aldeia, nascendo do nada, grupos de populares armados de paus e foices, proclamavam a fidelidade ao Príncipe Regente, D. João VI, e a luta contra os franceses, os afrancesados, designação generalista que englobava as pessoas mais ou menos instruídas, os judeus e os ricos, naquilo que se configurava como uma revolução, como lhe chamou o historiador Vasco Pulido Valente. Revolução contra a prepotência dos invasores mas também contra a novidade, contra as alterações que faziam estremecer a imobilidade de um velho mundo rural impávido durante séculos.

Assim, quando um grupo de

trezentos amotinados vindos de Soure, Pombal, e aldeias vizinhas, comandados por alguns soldados do batalhão académico de Coimbra apareceram às portas da Cidade ninguém sabia exactamente o que fazer. Nem a Igreja e a Câmara, que haviam aconselhado à população paciência e colaboracionismo, nem a nobreza que contra gosto se via obrigada a tomar partido, nem uma burguesia urbana que rapidamente percebeu que os acontecimentos na sua irracionalidade iriam redundar em seu prejuízo. O resultado foi a fuga disfarçada das pessoas influentes e a emergência de uma turba desarticulada conduzida a uma resistência impossível. Os franceses reagiram depressa, sobretudo porque pensavam que Leiria tinha sido ocupada por tropas organizadas, portuguesas e espanholas, enviando um contingente de cerca de 4000 homens preparados para uma verdadeira batalha. Quando chegaram à Portela, junto à actual Câmara, verificaram que a insurreição se limitava a um ajuntamento quase desarmado, que foi desbaratado com uma primeira sal-



Nem a Igreja e a Câmara, que haviam aconselhado à população paciência e colaboracionismo, nem a nobreza que contra gosto se via obrigada a tomar partido, nem uma burguesia urbana que rapidamente percebeu que os acontecimentos na sua irracionalidade iriam redundar em seu prejuízo

**JORGE ESTRELA**  
Historiador

va de tiros que deixou 40 mortos no terreno, enquanto as baixas francesas eram quase inexistentes.

Seguiu-se a ocupação da cidade, o fuzilamento de todos os que tinham nas mãos armas, ou aparência delas, o saque da Cidade, entre as 3 e as 5 da tarde, em particular do Paço Episcopal, e os ditames de uma submissão com um saldo de 140 vidas ceifadas. O sacrifício porém não foi inútil pois obrigou os franceses a uma dispersão de tropas que se revelaria decisivo dias mais tarde nos primeiros embates com as tropas britânicas, na Roliça e no Vimeiro, com a consequente derrota francesa e a evacuação de Lisboa.

Este foi o prelúdio de uma história de terror que acompanhou a cidade durante dois anos. Em 1810, depois da batalha do Buçaco as tropas anglo lusas na retirada para as Linhas de Torres obrigaram à evacuação da população para Lisboa e não hesitaram em pilhar a Cidade abandonada. Dias depois chegaram as tropas francesas que se ocuparam das sobras. Leiria ficou deserta, as aldeias vazias, as

colheitas queimadas, os moinhos vandalizados, os animais abatidos. A população que não fugiu escondeu-se como pôde sujeita às mais abomináveis exacções.

Finalmente no Outono de 1811, durante a retirada definitiva do exército francês, Leiria foi incendiada e parte importante do seu património perdeu-se para sempre.

São estes acontecimentos, aqui muito resumidos, que os leirienses podem visitar numa evocação da Cidade desse tempo, na Casa-Museu João Soares, nas Cortes a partir do dia 5 de Julho. Através de gravuras da época, pouco divulgadas ou inéditas, e poderão verificar a transformação que a Cidade e a Região sofreram nesses anos embrasados e o esforço que foi feito para apagar as feridas.

A Leiria emergente depois de um longo processo de reconstrução, que durou quase 50 anos, foi uma cidade diferente, que só poderemos compreender através da análise das peças múltiplas, que como num puzzle se vieram a encaixar na Leiria de hoje. ■



*Journal de Leiria*  
3 ABR 2008

# O significado da Ota

**N**o dia 24 de Julho de 1834 as tropas liberais comandadas pelo Duque da Terceira, vitoriosas em Cacilhas depois de uma audaciosa incursão pelo Algarve, preparavam-se para um mais que incerto cerco de Lisboa quando chegou a notícia absolutamente imprevista de que o Duque de Cadaval evacuara a Cidade. A Cidade foi ocupada e D. Miguel que nos fins de Junho tinha a guerra praticamente ganha via-se subitamente sem as principais Cidades do reino apesar da grande superioridade militar do seu exército. Indeciso dirigiu-se ao seu estado-maior e pediu conselho sobre a conduta a seguir. O Conde Louis de Bourmont que tinha acabado de assumir o comando geral das tropas foi peremptório: reconquistar Lisboa porque Portugal sem Lisboa vale menos que Lisboa sem Portugal. No fundo estava apenas a referir aquilo que os factos históricos desde há séculos haviam demonstrado, quando as tropas de D. João I de Castela em 1383 falham o cerco de Lisboa só lhes resta a retirada, quando D. João da Áustria em 1663 conquista Évora e Alcácer do Sal a impossibilidade de ocupar Lisboa aborta a incursão, quando Massena em 1811 encontra os obstáculos das linhas de Torres que salvam Lisboa só lhe resta fugir. O reino de Portugal era Lisboa, a economia era Lisboa e o resto era paisagem adjacente. Esta macrocefalia de Lisboa transformou-a numa das Cidades mais fascinantes da Europa mas sistematicamente impediu o desenvolvimento do País.

Nos princípios do Século XXI poderíamos esperar que outros raciocínios viessem nortear o ordenamento do território e Portugal olhasse finalmente para o interior de si próprio, de costas viradas para o Tejo como dizia Pessoa, e reparasse no que se passava no interior das fronteiras mais antigas da Europa. Desde meados do século passado que Orlando Ribeiro chamava a atenção para as assimetrias que a diversidade geológica, florestal e florística e as idiossincrasias resultantes dum povoamento ancestral reflectiam no comportamento de povoações isoladas que sobreviviam quase autónomas e apenas remota-



Infelizmente, a política partidária tomou conta da geografia e cada partido resolveu ter o seu aeroporto.

**JORGE ESTRELA**  
Historiador

mente ligadas às sucessivas governações. O Algarve, o Minho, Trás-os-Montes, as ilhas xistosas do interior, o Alentejo, as Lezírias, as grandes Cidades do litoral, representavam economias paralelas com fracas ligações entre si. Hoje tudo mudou e seria de esperar que o comportamento dos políticos também mudasse.

Um dos geógrafos que tem pugnado por uma nova compreensão do território é Jorge Gaspar, um antigo aluno de Orlando Ribeiro que na esteira do Mestre conseguiu transformar nos anos setenta o Curso de Geografia da Faculdade de Letras de Lisboa num dos melhores da Europa. A sua leitura de um território integrado ficou explicitada no seu livro sobre "As Regiões Portuguesas" editado em 1993 destacando a Beira Litoral e a Região Oeste como pontos fundamentais do desenvolvimento do País fazendo a ligação entre as áreas metropolitanas de Lisboa e Porto e potenciando cortes transversais para o interior. Nas suas palavras "As acções de ordenamento do território, em curso, ou programadas, têm implícitas as medidas que daqui devem decorrer. É bom que essas mensagens sejam assumidas por toda a comunidade".

Não admira pois que Jorge Gaspar seja um acérrimo defensor de um aeroporto na Ota, que estudou e defendeu múltiplas vezes e considera o eixo estruturante de um Portugal moderno.

Infelizmente, a política partidária tomou conta da geografia e cada partido resolveu ter o seu aeroporto. O raciocínio do espaço português foi substituído por palavras de ordem, pascendo militâncias e rebocando interesses privados, e tudo serve desde as contas de merceeiro sobre deslocamento de terras ao comprimento das pistas. Os custos imensos da falta de visão estratégica não são contabilizados. O aeroporto deve ficar colado ao remanso dos ministérios e servir o engrandecimento da tal Lisboa sem Portugal. Quem fica a perder é evidentemente este último. ■



# O mega centro que nunca existiu

**E**m tempos escrevi uma crónica neste jornal defendendo a existência de um mega centro comercial em Leiria. Defendi mesmo que quanto mais centralizado fosse esse equipamento mais vantagens teria para a cidade, não só por ser um benefício para o utente mas sobretudo porque seria a salvação do pequeno comércio que ainda existe e que como todos sabemos define sem futuro.

A capacidade de atracção dessa tipologia de espaços agrega parcelas menores por isso um dos seus negócios mais atraentes é fixar uma miríade de pequenas lojas, isto é pequeno comércio, que só se desenvolve precisamente porque vive na sombra de um mega centro. O que actualmente acontece é que esses centros comerciais surgem na periferia das cidades e esvaíam-nas do seu comércio tradicional, criando justificados

coros de protestos de quem se aconchegou nos centros históricos e vê a fatalidade do vazio urbano aniquilar-lhe a sobrevivência. Se o tal mega centro se instalasse no coração da cidade os beneficiados seriam os comerciantes e as suas lojas iriam funcionar como elementos de parceria com as mesmas vantagens daquelas que se exilam, aproveitando o amparo das concentrações periféricas.

Fico pois estupefacto com o regozijo perante o fracasso de uma aposta estratégica da cidade como se a solução para a indiferença fosse ficar indiferente. A revitalização dos centros históricos passa precisamente pela ousadia e pela criação de novas valências que agitem o torpor de uma inércia lúgubre.

Só conheço o que se passou através das notícias veiculadas pela imprensa. Depois de um concurso público acidentado ganhou aquele que, na minha opinião, era o melhor projecto



Espera-se que a Câmara tenha a coragem de persistir num plano que era bom e com capacidade para inverter algumas das tendências negativas em que a cidade foi caindo

**JORGE ESTRELA**  
Historiador

e o festejar da vitória foi a desistência. As reacções foram ameaças. O concorrente alegou morosidade camarária e a Câmara invocou morosidade jurídica pois os autores de um dos projectos resolveram interpor um processo. Num gentil epílogo ambas as entidades compreenderam cordialmente as razões da outra.

A continuação é um concerto de interrogações não se sabendo sequer se o concorrente preterido mantém algum interesse na efectivação do mesmo. Ficam as maquetes e os elaborados desenhos de um futuro virtual. Espera-se que os milhões de euros entretanto gastos assentem em dinheiro virtual e que os anos de concepção e posterior análise se contabilizem em tempo virtual. O que não parece virtual é o conjunto de problemas que subsiste, incumprimento de contrapartidas, um estádio adossado a um alicerce espectral, espaços verdes adiados, a cidade cindida em crescimentos opos-

tos e uma zona histórica em letargia.

Entretanto, nos arredores instalam-se grandes superfícies destruindo irreversivelmente o que, há alguns anos, era um notável conjunto paisagístico, as belas quintas do Alto Vieiro, obra prima dos monges cistercienses que a arrotearam no Século XV, a quinta da família Pereira dos Reis produzindo o melhor vinho de Leiria, a quinta do Pisão, a quinta da Carvalha com o seu Castro da Idade do Ferro, estando todo este conjunto unido por uma rede hidrográfica de excepcional qualidade. A transformação destes espaços em lixeira urbana é uma fatalidade que infelizmente não é virtual e deixa a cidade refém dos erros acumulados nos últimos 20 anos.

Espera-se que a Câmara tenha a coragem de persistir num plano que era bom e com capacidade para inverter algumas das tendências negativas em que a cidade foi caindo. ■



## Uma casa nas Cortes

**A** Aldeia das Cortes, hoje freguesia, mas verdadeira aldeia no sentido histórico do termo, é certamente das mais interessantes do concelho de Leiria. Apesar das desarmonias resultantes de um urbanismo espontâneo e de intervenções agressivas, mantém um carácter que se perdeu na maior parte dos povoaamentos rurais do concelho. A beleza do trecho do rio que a envolve e a topografia do morro coroado pela Igreja barroca de Nossa Senhora da Gaiola, concorrem fortemente para a plácida sensação de pitoresco que acompanha uma eventual visita. Mas o que ressalta, mesmo a um olhar desprendido, é o excepcional conjunto de construções eruditas bordejando o rio que se conjugam em mistério, como se uma Corte na Aldeia em tempos remotos aí tivesse fixado o harpejo da imaginação.

Entre as pedras meio arruinadas sente-se o latejar de uma vida distante, evoluindo-se da

frescura dos campos, evocando vinhos, frutas e olivais, memórias que se cristalizaram em poemas como o de Afonso Lopes Vieira afortunadamente inscrito numa parede: "Eu dou o azeite brando, que tempera e que alumia; eu acendo a luz do dia, quando a noite vem tombando." De facto foi ao poeta e ao seu tio, o escritor Xavier Rodrigues Cordeiro, que pertenceram algumas dessas casas e nelas se escreveu alguma da melhor poesia da Leiria literária dos séculos XIX e XX.

Este conjunto arquitectónico vai vagabundeando ao sabor da sorte. Por vezes favorecido pela iniciativa privada, por vezes expectante, por vezes soçobrando às vicissitudes do tempo. Mas o sentimento que norteia este artigo não é uma contemplação amorfa. É mesmo uma fortalecida indignação. Na curva do rio, junto à ponte, entre silvas, desmoronando-se célere, está uma casa de dimensões pequenas mas essencial para a compreensão de todo o povoado desde as suas origens. Pertenceu ao con-



Então na coorte de arquitectos e técnicos que estanciam pelos gabinetes da câmara não há ninguém que levante os olhos de tarefas meramente burocráticas? Não há olhar? Não há uma divisão da Cultura?

**JORGE ESTRELA**  
Historiador

junto de edificações agrupadas em torno da Capela de Nossa Senhora do Rosário, orago tão antigo como a aldeia, e tristemente demolida nos finais dos anos 70 do Século passado.

Uma janela manuelina oculta-se por detrás de um muro e um telhado de duas águas ainda cobre esburacado frágeis paredes de adobe. Toda a casa incluindo parte da estrutura interna é quinhentista, ou seja o que vemos cair é a mais antiga edificação civil do concelho de Leiria. Ao lado, na encantadora Rua do Beco, que se dirige sinuosa em direcção ao rio, desmorona-se uma outra casa da mesma época. Uma datação plausível aponta para um intervalo entre 1520 e 1550 ou seja são anteriores à Sé de Leiria. A interrogação que surge é sobre a indiferença com que se olha para os bens que compõem o tecido patrimonial do concelho. Ninguém sabe? Então na coorte de arquitectos e técnicos que estanciam pelos gabinetes da câmara não há ninguém que levante os olhos de tarefas meramente burocráti-

cas? Não há olhar? Não há uma divisão da Cultura? Não há ninguém que perceba que as Cortes sem este notabilíssimo conjunto patrimonial fica reduzida à vulgaridade?

Leiria tem que pensar no que quer para si própria. Quer ser um parque industrial? Quer ser um entreposto de armazéns? Quer ser um amorfo complexo habitacional refúgio de uma ignota megalópole? Ou quer ser uma cidade integrada que contempla os seus habitantes com as valências de cidadania, de cultura e bem estar, que se vivificam nas cidades que merecem esse nome? Hoje uma cidade histórica não pode sobreviver sem turismo que é na contemplação do viajante o legado da memória que só o tempo facultou como dádiva. A Aldeia das Cortes tem condições de excepção para ser, com as Fontes o espaço vivo de uma ruralidade lendária, mas não será certamente com uma distração opaca e uma indiferença ignara que se irá levantar o véu de chumbo que vai caindo sobre as veigas do Lis. ■





É fundamental que o Jardim da Almoíña, falado há quase 15 anos, avance efectivamente. Funcionará como um local de transição entre a parte nova da cidade e a zona mais antiga. Além deste local, que me parece o mais óbvio, há depois pequenos arranjos que poderiam ser feitos. Apon-

to, por exemplo, o jardim que existe junto ao antigo convento de Santo Agostinho, que baixando o muro existente, poderia também ser aberto ao público.

**Jorge Estrela**, historiador de arte e um dos autores do projecto do Jardim da Almoíña



Leiria tem sofrido de uma total ausência de política ambiental, da qual a criação e manutenção de espaços verdes é apenas

uma das partes mais visíveis. Em vez de visão estratégica, que apontaria para a criação de um novo "pulmão" verde na cidade (por exemplo, nos agora loteados terrenos da Vila Portela ou em parte da área da antiga prisão-escola), optou-se por uma política de "canteiros floridos" e de colocação de pindéricos vasos pendurados em postes. Como soluções para o problema, uma nova visão passará, certamente, pelo prolongamento das vias pedonais e cicláveis ao longo do rio Lis, para montante e jusante do troço actual, e pela deslocalização da antiga prisão-escola, cujos terrenos seriam o espaço verde e de fruição pública de que a cidade tanto necessita.

**João Poças Santos**, presidente da ADLEI



Não me parece que Leiria seja uma cidade com poucos espaços verdes - pelo menos, nunca o senti assim. O problema

não se prende tanto com o ratio estatístico (ou o lugar comum) que vos permite pôr a falta de espaços verdes como problema central, mas sim com a relação que a cidade, nos seus usos e densidades de utilização, estabelece com os seus espaços públicos, muitos deles desqualificados ou desajustados, e entre estes, com os seus poucos espaços verdes - cujo potencial é, no entanto, enorme. Na sua condição própria de espaço urbanizado, a cidade é - ou deve ser - um espaço de estruturação de diversas relações, de entre as quais a relação entre espaço público e construído é uma, e é sobretudo nessa estruturação que o investimento deve ser feito - não na definição de áreas verdes avulsas feita apenas em função das áreas ainda disponíveis.

**Pedro Trindade Ferreira**, arquitecto urbanista



## Mata do seminário acolherá retiros

A poucas dezenas de metros da Avenida Marquês de Pombal, uma das zonas da cidade com maior densidade de construção, existe uma mata com "alguns hectares", que tem florescido ao longo dos anos entre a Casa Episcopal e o Seminário Diocesano de Leiria, instituição proprietária aqueles terrenos.

Armando Janeiro, reitor do seminário, reconhece que o espaço é "um oásis na cidade", mas que não poderá ser aberto completamente à comunidade, porque terá um papel importante nos projectos futuros do seminário, que, terminadas as obras em curso, passará a acolher retiros espirituais. "Se abrissemos as portas sem critério, a tranquilidade que queremos que o espaço tenha, seria afectada", sustenta o sacerdote.

Apesar do local estar fechado ao público, o vigário-geral da diocese, Jorge Guarda, diz que "indirectamente a cidade beneficia dele, através do oxigénio libertado para a atmosfera", sublinhando que a abertura total do espaço trazia "despesas acrescidas, com a manutenção e salvaguarda das condições de segurança". ■



## Museu da alimentação previsto na Quinta de S. Venâncio

Um museu dedicado aos sabores e à alimentação é um projecto que pode nascer na Quinta de S. Venâncio, em Leiria, pela mão de Maria Proença. Diogo Amado, um dos quatro proprietários do terreno, revela ao JORNAL DE LEIRIA que aquela especialista em etnogastronomia possui um "acervo de quatro mil peças ligadas à alimentação, que vai desde ementas a instrumentos de cozinha".

Segundo conta, Maria Proença tem estado em conversações com a divisão da Cultura da Câmara de Leiria. O objectivo é criar o museu nas adegas da quinta. "O espaço envolvente seria depois requalificado", admite Diogo Amado, que lembra que, com a instalação do espaço, museológico, a quinta passaria a estar aberta ao público.

Diogo Amado afirma também que a Quinta de S. Venâncio tem todas as condições para ser um "pulmão verde". Além disso, defende a construção de uma zona verde contínua, que faça a ligação entre a Quinta da Fábrica e as Cortes. "Não será possível totalmente, porque pelo meio já existe betão", reforça.

"A Quinta de S. Venâncio tem ainda um pomar que está arrendado. Uma talhada do terreno vai ser ocupada pelo viaduto do IC36, o que é uma aberração, e não vai beneficiar em nada os espaços verdes", lamenta ainda Diogo Amado. ■



## Jardim da Almoíña Grande eternamente adiado

Previsto há 14 anos, o projecto para o Jardim da Almoíña Grande tem sido sucessivamente adiado. Para o local está pensado um espaço com mini-jardins temáticos, que funcionarão como ilhas individualizadas nas suas componentes florísticas. A intervenção, que será feita junto ao rio Lis, entre as pontes do Arrabalde e Euro'2004, prevê a plantação de um vasto relvado. Estão também pensadas acessibilidades, pelo que haverá uma primeira entrada pela Ponte de Arrabalde e as outras duas vias que o delimitam: o caminho na orla do rio que prolonga o Marachão e o caminho a criar junto ao parque de estacionamento ao longo da Avenida Amaro da Costa. Outra proposta do projecto é a criação de um lago, que avança no relvado em semi-círculo. O efeito pretendido é o de dar a sensação de se estar numa ilha o que será reforçado pelo café/restaurante panorâmico previsto sobre o lago. Na outra margem do rio, onde está agora o parque de estacionamento do estádio, o novo executivo municipal defende a criação de um parque verde. O presidente da câmara explica que a ideia é que construir de estacionamento subterrâneo, deixando a superfície para uso pedonal. O projecto será inserido numa intervenção global da zona, que passará também pela edificação de um pavilhão multiusos junto ao estádio. ■



## Terrenos da ex-prisão escola, um pulmão inacessível

Os terrenos da ex-prisão-escola servem já como um 'pulmão' de oxigénio para a cidade de Leiria. É uma área de grande dimensão, cultivada, mas inacessível aos cidadãos. Durante a campanha eleitoral, a candidata do PSD, Isabel Damasceno, defendeu algumas ideias para dotar o concelho de mais condições dedicadas ao passeio e lazer. Entre as propostas, estava uma candidatura para apresentar ao Ministério da Justiça - proprietário do espaço - a exigir a cedência gratuita de uma parcela dos terrenos, de modo a permitir a construção de um novo parque da cidade, a partir da rotunda D. Dinis até à rotunda da Cruz d'Areia. O pedido de Isabel Damasceno seria uma contrapartida da transferência dos Serviços de Justiça de Leiria para o Campus Judiciário, junto à Avenida das Comunidades Europeias.

Este projecto iria assegurar a concretização da ligação pedonal entre a rotunda D. Dinis e o Alto do Vieiro, permitindo o acesso pedonal aos estabelecimentos de ensino e às áreas comerciais ali existentes. ■

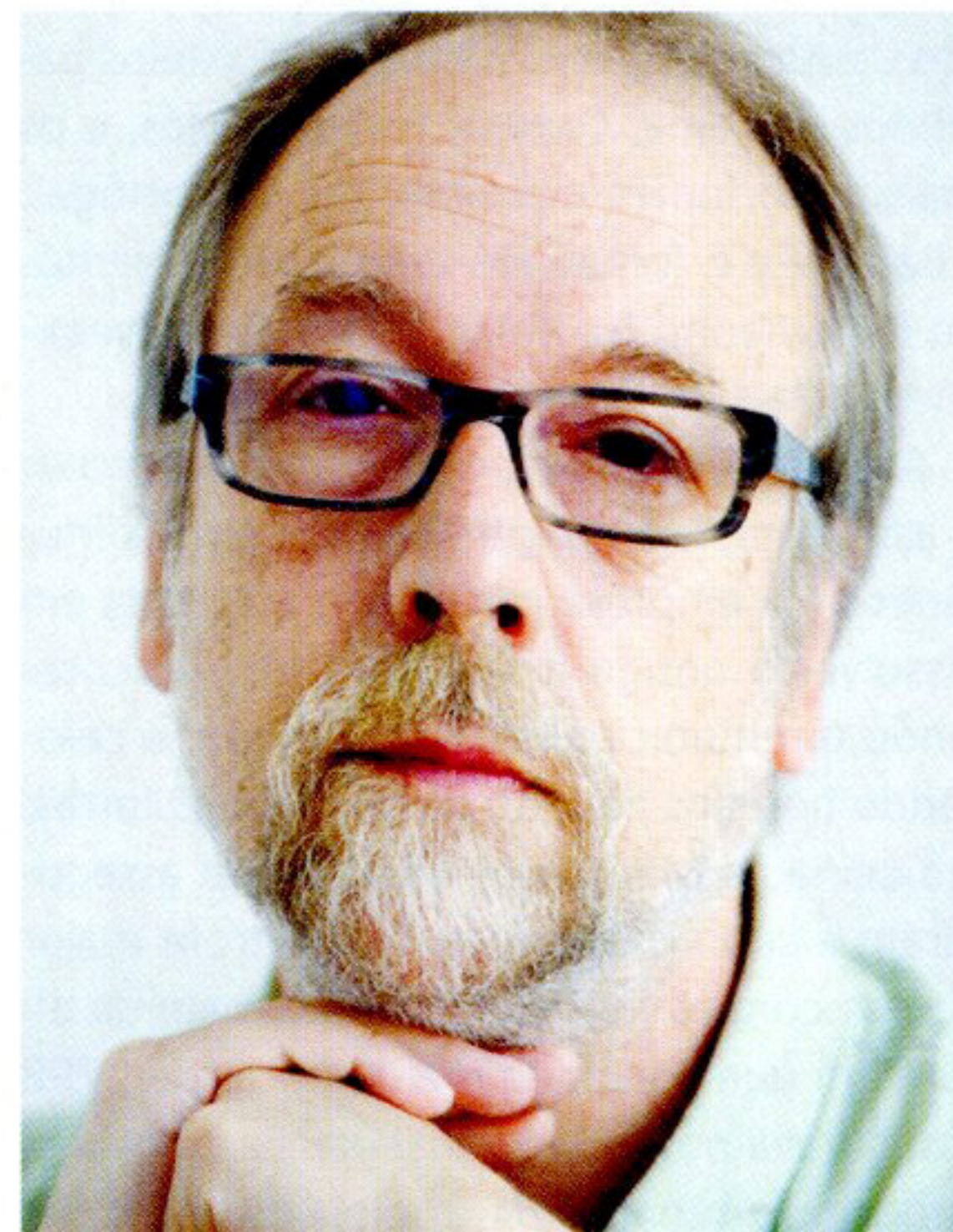


# O DISTRITO QUE NUNCA EXISTIU

Fará sentido considerar que a região entre Mondego e Tejo aberta à colonização em meados do Século XII, que o memorial antigo consagrou com o nome de Estremadura, tem ainda hoje as mesmas características, as mesmas vantagens e os mesmos problemas? Paradoxalmente parece que sim. Hoje tal como no Séc. XII é uma zona de intensa colonização recebendo o afluxo migratório oriundo de um interior desertificado que se fixa nos grandes eixos de ligação entre norte e sul, as Cidades situadas nesse espaço em menos de 50 anos mais do que duplicaram as suas populações, aí se fixaram as grandes redes de distribuição de mercadorias e maleáveis indústrias diversificadas, que num improvisado inventivo vão escapando à inconstância dos mercados, aí sobrevive uma agricultura familiar menos atreita aos ditames de Bruxelas, e sobretudo gentes que vêem a região como terra de oportunidades onde se sentem bem vindos. O que aqui foi dito aplica-se sem mu-

dança ao retrato que poderíamos traçar do Séc. XIV pesem as evidentes diferenças qualitativas.

Então qual a razão da quase ausência de consciência colectiva? Como Orlando Ribeiro fez notar ao contrário do Beirão, do Transmontano, do Minhoto, do Alentejano ou do Algarvio, não passa pela cabeça de ninguém dizer-se Estremenho (Opúsculos geográficos), e a unidade é folclore gratuito “ Quando se viaja de Coimbra para o Sul...qualquer turista poderá talvez anotar pitorescamente no seu canhenho que entrou no reino da carapuça e do burro. (Amorim Girão, Geografia de Portugal). A Estremadura sempre foi uma denominação oscilante sem contornos definidos que se passeou de Aveiro a Vila Nova de Mil Fontes e a criação do distrito em 1835 reflectiu essa ambiguidade, concelhos obviamente integrados num perfil histórico comum como Ourém foram excluídos e outros sem qualquer conexão geográfica foram



**JORGE ESTRELA,**  
pintor, historiador  
e director da Casa-Museu João Soares



Jorge Estrela, mestre em História de Arte e director da Casa Museu João Soares

## “Leiria está cercada por casas ilegais”

Diz que a inexistência de um museu ridiculariza a Câmara de Leiria. Afirma que a Comissão de Turismo “está pior” do que “há 50 anos”. Considera o urbanismo na cidade “um dos maiores desastres do País”. Classifica os bairros periféricos de Leiria de “bairros desgarrados, guetos sem ligação nenhuma com os outros”. E aponta como exemplo o que aconteceu nos Parceiros. E critica o Bloco de Esquerda, por quem tem votado.

Textos: Damião Leonel Fotos: Ricardo Graça

### Que projectos tem para a Casa Museu João Soares?

O projecto imediato, antes do princípio do Verão, sobre os grafites medievais do Mosteiro da Batalha é uma novidade a nível nacional. Houve uma equipa de fotógrafos que trabalhou no mosteiro. Tudo está referenciado e fotografado como deve ser. A exposição deverá manter-se até Dezembro na Casa-Museu, mês em que deverá ser inaugurada uma exposição de desenho humorístico sobre a Primeira República. Seguem-se os os Painéis de S. Vicente que comemoram este ano o centenário do restauro feito por Luciano Freire, efeméride que não tem sido comemorada em lado nenhum a não ser na Academia de Belas Artes por acção do seu presidente António Valdemar. No começo dos estudos sobre os Painéis de S. Vicente houve muita gente de Leiria envolvida, tais como Afonso Lopes Vieira, dr. José Saraiva, que escreveu um livro, Acácio Leitão, entre outros. Parece interessante abordar esse tema, não só pelo centenário como também pelo papel interessante que Leiria teve no começo da discussão sobre os painéis.

### Como tem sido a sua relação com Mário Soares?

Excelente. O dr. Mário Soares é uma pessoa que conheço há muitos anos. Conheci-o em Paris,

nos tempos do exílio. É um grande conversador, com uma memória de elefante, guardando detalhes de tudo o que viu e acompanhou, desde as lutas da oposição até aos exílios diversos, ao seu regresso a Portugal, com duas passagens como Presidente da República. Possui conhecimentos invulgares e essa memória ele sabe transmiti-la de maneira incomparável. A nível pessoal é uma pessoa que eu gosto, que admiro. As relações com o dr. Mário Soares são as melhores possíveis.

### A eventual construção de um centro comercial no edifício da Rodoviária pode favorecer o centro histórico?

Acho que sim. O que não favorece é o LeiriaShopping, uma coisa totalmente periférica que não é um factor de desenvolvimento da cidade. Pelo contrário. Há pessoas que são de fora que nem sequer vêm a Leiria. Agora, dentro da cidade, sim, quanto mais central melhor. Porque depois vai revitalizar o próprio comércio local.

### De que modo o comércio tradicional se pode defender do centro comercial construído no Continente?

Uma das maneiras é apoiar o centro comercial na Rodoviária, caso o projecto se concretize. Neste momento é um local de forte ligação entre a Leiria nova e a Lei-

ria antiga. Deve contemplar esse eixo de ligação, deve ser um projecto de arquitectura marcante. Deve-se ter um especial cuidado na arquitectura desse edifício porque ainda por cima vai substituir um trabalho importante do arquitecto Camilo Korrodi. Não pode ser qualquer pessoa a fazer aquilo (centro comercial). Tem que ser uma coisa pensada, com um grupo de arquitectos que saiba estruturar uma ideia de acordo com a cidade. Aquilo pertence à cidade. Não se pode fazer à revelia da cidade. O comércio tradicional tem que fazer duas coisas: primeiro é apoiar o projecto como já aponte; segundo repensar-se a si próprio, porque o comércio tradicional vive de negócios que não interessam a ninguém, nem aos próprios comerciantes. Por isso é que estão em decadência. Tem que haver uma renovação desse tecido comercial. Isso é importante, porque não há desenvolvimento da cidade sem a recuperação da parte antiga. Uma cidade sem história é uma cidade que não existe. O comércio da parte antiga tem que ser revitalizado. Os comerciantes têm que apoiar aquilo que lhes interessa, ou seja um centro comercial, e, por outro lado, pensarem pela cabeça e repararem que o que estão a fazer hoje na maior parte dos casos não interessa a ninguém. Vender coisas que ninguém quer não é negócio.

### Acredita que a preservação do património vai ser uma realidade com o actual executivo municipal?

Não faço ideia nenhuma. O actual executivo municipal é novo. Estamos expectantes. Penso que o que tem feito é uma tentativa de reestruturar o peso da própria câmara, que é um peso imenso. Agora, iniciativas ainda não vi.

### A revitalização do centro histórico passa pela indústria criativa no centro da cidade?

Não é só a revitalização dos centros históricos mas também a

revitalização das cidades. Não é por acaso que se diz que a indústria da cultura sob o ponto de vista económico é mais valiosa que a indústria automóvel na Europa. Aquilo que a cultura representa economicamente é imenso. Se não fosse o Louvre, Paris seria uma cidade vulgar. A cultura precisa de uma criatividade permanente. É claro que essa criatividade é um factor decisivo para a evolução das cidades e das próprias pessoas.

### A inexistência de um museu em Leiria deve-se à falta de vontade política ou a outras razões?

Deve-se sobretudo à ignorância. É extraordinário que se fale na construção do museu há 150 anos e não exista museu nenhum. É a mostra típica da inépcia das individualidades leirienses. Em relação à dra. Isabel Damasceno – que até apoiei, porque achei que era uma pessoa com um carácter vigoroso e voluntarista – o que é certo é que ao fim de 12 anos não havia museu nenhum. E não sei se vai haver. É uma história com 150 anos. É uma coisa que ridiculariza a Câmara de Leiria. Não se compreende que Leiria, com o castelo que tem, com uma catedral da Renascença muito interessante, vizinha à Batalha, a Alcobaça e ao mar, seja uma cidade sem turismo. A comissão de turismo de Leiria está pior do que há 50 anos. É



A zona de Leiria onde o ambiente ainda está preservado é a zona do Vale do Lis entre a nascente e as Cortes e as montanhas adjacentes. Esta zona deveria ser considerada uma reserva municipal



Jorge Estrela, director da Casa Museu João Soares

## O comércio tradicional vive de negócios que não interessam a ninguém

ENTREVISTA PÁGS 16 A 17



# Famílias cortam em bens essenciais para manter alguns luxos

A crise tem levado algumas famílias portuguesas a cortar na alimentação e nos medicamentos, mantendo, porém, gastos em bens mais supérfluos, como telemóveis, televisão por cabo, ou automóveis, tentando, assim, manter na aparência o mesmo estilo de vida. **PÁGINA 21**

## REGIÃO

Ambiente

### Análises revelam agravamento da poluição no rio lis

PÁGINA 13

Educação

### Pais e professores contestam AEC

PÁGINA 14

Batalha

### Pombos ameaçam mosteiro

PÁGINA 8

## LEIRIA

### Demolição da capela das Chãs opõe população a especialistas

PÁGINA 6

### Raul Castro aconselha Benzinho a processar Leonel Pontes

PÁGINA 6

### PSP acusa comerciantes de não se prevenirem contra a criminalidade

PÁGINA 11

Empresa reforça presença no exterior

## Grupo Lena despede 200 trabalhadores

Até ao final do ano, o Grupo Lena vai despedir 200 trabalhadores, no âmbito de um processo de reestruturação, que prevê que 40% da actividade do grupo se concentre no mercado externo dentro de quatro anos. O grupo vai ainda efectuar cortes nos vencimentos, despesas de representação e viaturas de serviço

PÁGINA 23

# viver



## Qual o preço para manter a praça viva?

Postal ilustrado da cidade de Leiria, a Praça Rodrigues Lobo tem sido palco dos mais variados tipos de eventos. Mas será que as iniciativas ali realizadas são as mais indicadas para aquele espaço nobre? **PÁGINA 29**



uma coisa ridícula e marca a cidade. Não atrai visitantes, não desenvolve o comércio, etc.

**O que tenciona fazer no seu palacete no Terreiro que já foi do seu antepassado, o Barão de Salgueiro ?**

Tem um plano de arquitectura que foi aprovado. Neste momento está a ser reavaliado no sentido de uma melhor preservação daquele espaço. A minha casa propriamente dita, a zona do palácio, com os apartamentos, com a história do Eça de Queirós e tudo o que lá está ficará inte-

**É extraordinário que se fale na construção do museu há 150 anos e não exista museu nenhum. É a mostra típica da inépcia das individualidades leirienses**

absurdo completo. Leiria tem que ficar ligada por esses eixos transversais que fazem com que depois o Polis se integre na cidade.

**Como vê o urbanismo em Leiria?**

Com muito maus olhos. Acho que o urbanismo em Leiria faz parte dessa falta de planeamento. Acho que o urbanismo periférico tem sido um desastre. É um dos maiores desastres do País. Basta uma pessoa vir pela EN1 e ver o que lá está, é uma desgraça completa. Os bairros periféricos de Leiria são bairros desgarrados, são guetos sem ligação nenhuma com os outros. O que se passou nos Parceiros é uma desgraça, é um urbanismo de baixíssima qualidade numa zona que poderia ser aproveitada para um urbanismo pensado, um urbanismo que valorizasse a cidade. Foi o salve-se quem puder. Em Leiria não existe urbanismo é o salve-se quem puder dos construtores civis.

**A questão ambiental continua a ser o maior problema de Leiria?**

Já foi pior, mas continua a ser um problema gravíssimo. O urbanismo está ligado à questão ambiental, o urbanismo é mau, a questão ambiental é má. A questão ambiental em Leiria é má porque nunca foi pensada sequer. Os rios continuam a ser o que são. O rio Lena é um esgoto. O rio Lis a jusante, em direcção ao mar, está completamente poluído. Os resíduos agrícolas matam o peixe, sabemos bem o problema das suiniculturas em Leiria que já dura há 20 anos e nunca se resolve. É uma mancha feroz na eficácia da cidade. Houve inépcia factual dos municípios em relação a esse problema ambiental. Neste momento a zona de Leiria onde o ambiente ainda está preservado é a zona do Vale do Lis entre a nascente e as Cortes e as montanhas adjacentes. Esta zona deveria ser considerada uma reserva municipal.

pletamente preservado. A casa ficará muito mais próxima do que foi no século XIX.

**O castelo poderá ser uma marca para Leiria?**

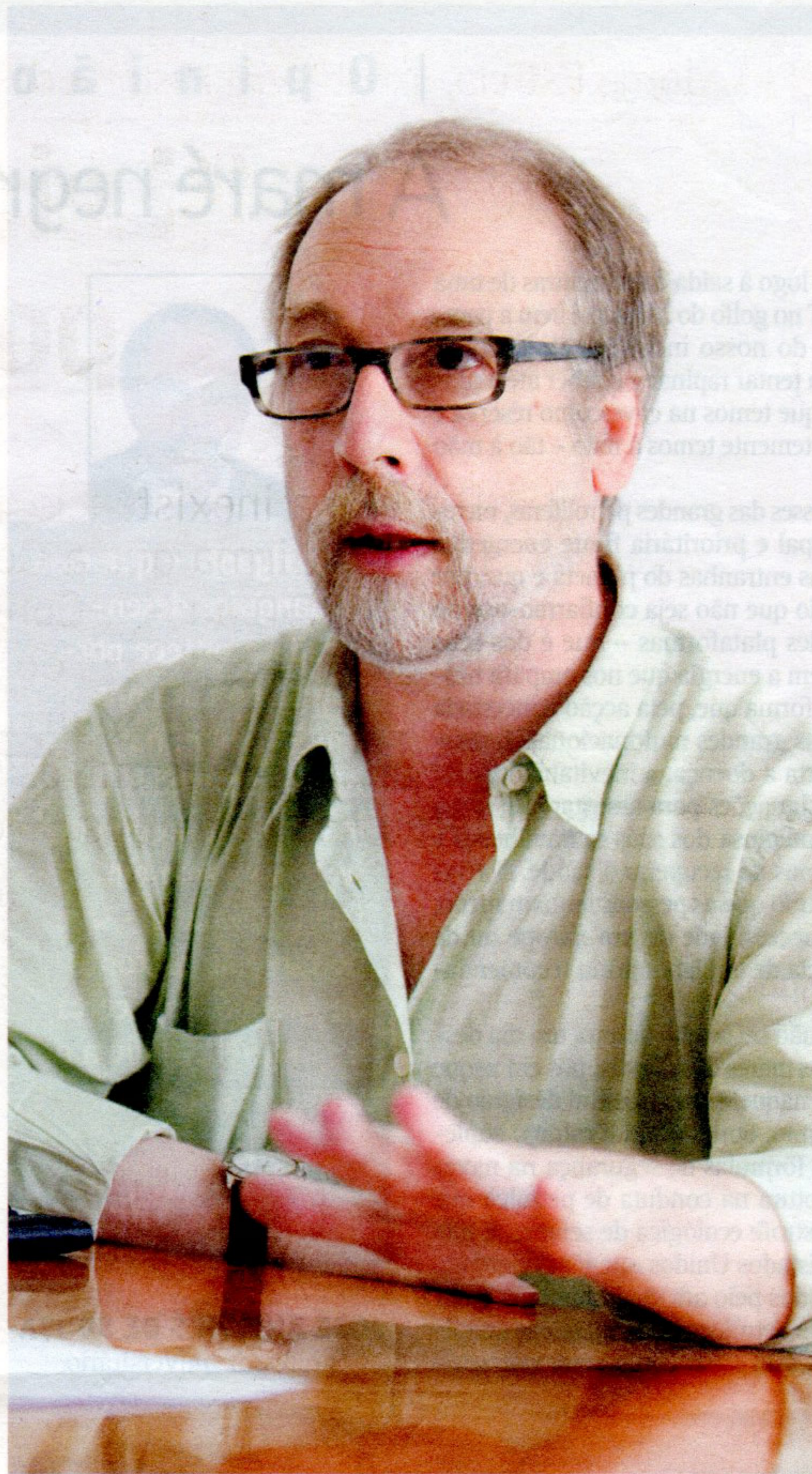
O castelo é a única marca de Leiria. Em Portugal não existem castelos palatinos com esta qualidade. Este carácter de castelo que se transformou em palácio e com uma presença fortíssima em todo o conjunto da cidade é um caso único. É um castelo extraordinário. Não é uma marca, mas a marca de Leiria.

**O Polis deu outra dimensão à cidade ou ficou aquém das expectativas?**

Ficou aquém das expectativas. Foi parcialmente feito. Há coisas no Polis que ficaram em embrião, mas as margens do rio estão muito melhores do que eram. Foi uma melhoria consistente. Se temos alguma coisa a dizer bem da gestão da câmara anterior é precisamente sobre o Polis. Mas para mim ficou aquém. Há dez anos que estava previsto um jardim na zona da Nova Leiria e nunca se fez absolutamente nada. Nas Olhalvas também não se fez nada. Há um Polis para o castelo de Leiria que deveria ser feito. Toda aquela mata do castelo deveria ser uma zona resguardada. O que acontece neste momento é que Leiria está cercada por casas ilegais cujos terrenos pertenciam ao castelo e à cidade, o que é um

**Continua a votar no Bloco de Esquerda?**

Sempre votei no Bloco de Esquerda. Tenho estado bastante descontente com o BE, porque tem tido uma acção extremamente negativa em relação à crise. O BE sabe que esta crise é mundial. Ora, o Bloco, mais do que qualquer outro partido, poderia ter lucidez para perceber isso. Há realmente uma economia global arrasadora para os países e o Bloco não denuncia isso, denuncia coisinhas que não são aquilo que merece a denúncia. Claro que denuncia o desemprego, mas em vez de ter uma política autónoma, pela sua própria cabeça, neste momento copia o que faz



o PCP. Ora, se copia o PC, não vale a pena o Bloco existir. Fica o PC e acabou-se. Ultimamente o Bloco tem estado a esvaziar o seu conteúdo. Prova disso foram as eleições municipais de Lisboa. O Bloco deveria ter apoiado desde o início o António Costa. E saía reforçado. Pelo contrário, quis arranjar um candidato de qualquer maneira. Resultado: desceu de 13 por cento para três por cento, o que é estonteante. Houve falta de análise política das pessoas que apoiam o Bloco. Pessoas que não são estalinistas, que querem ser sobretudo uma voz de esquerda. ■

vel pela exposição *A nova vida das imagens – pintura restaurada da colecção de Leiria, séc. XVI, séc. XVIII*.

Jorge Estrela nasceu em Angra do Heroísmo, em 1944, numa época em que aquela zona do Atlântico estava infestada de submarinos alemães. Por isso não nasceu em Leiria, como era desejo da mãe, Lucinete Ritto Estrela. O pai, Fernando Pinho Soares de Albergaria e Almeida, fervoroso

republicano, leccionava em Angra do Heroísmo. O avô da sua mãe, general Honorato Estrela, era membro da maçonaria de Leiria, juntamente com Ernesto Korrodi, Tito Larcher, entre outros. Do lado do pai, a sua avó era descendente dos Barões de Salgueiro, com casa no Terreiro. O avô paterno é francês, ligado à engenharia, tendo familiares em Portugal que trabalharam com Eiffel. ■

## Um aristocrata no Maio de 68

Jorge Manuel Estrela de Pinho e Almeida, descendente dos barões do Salgueiro, mestre em História de Arte e director da Casa Museu João Soares. Após terminar o curso de pintura na Escola das Belas Artes de Lisboa, Jorge Estrela partiu para França, onde viveu cerca de dez anos, tirando o mestrado em História de Arte (pintura holandesa do século XVII) na Sorbonne. Participou no Maio de 68. Foi responsá-

vel pela exposição *A nova vida das imagens – pintura restaurada da colecção de Leiria, séc. XVI, séc. XVIII*.

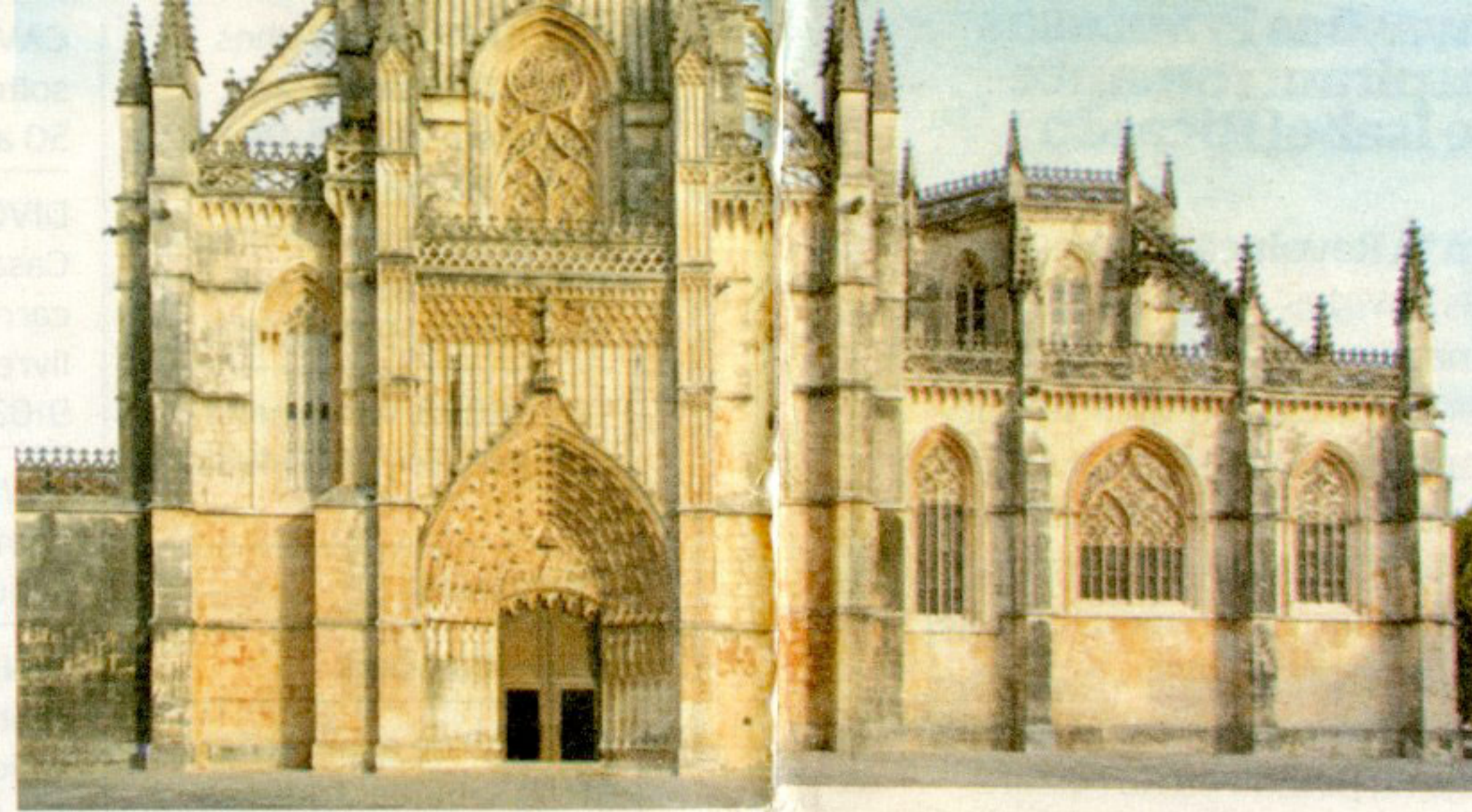
Jorge Estrela nasceu em Angra do Heroísmo, em 1944, numa época em que aquela zona do Atlântico estava infestada de submarinos alemães. Por isso não nasceu em Leiria, como era desejo da mãe, Lucinete Ritto Estrela. O pai, Fernando Pinho Soares de Albergaria e Almeida, fervoroso

republicano, leccionava em Angra do Heroísmo. O avô da sua mãe, general Honorato Estrela, era membro da maçonaria de Leiria, juntamente com Ernesto Korrodi, Tito Larcher, entre outros. Do lado do pai, a sua avó era descendente dos Barões de Salgueiro, com casa no Terreiro. O avô paterno é francês, ligado à engenharia, tendo familiares em Portugal que trabalharam com Eiffel. ■



# Grafitos

## Desenhos de quem construiu o Mosteiro da Batalha



Na exposição “Grafitos Medievais do Mosteiro da Batalha”, o monumento nacional é revelado numa nova dimensão: a dos desenhos feitos nas pedras das paredes por quem nele trabalhou ao longo dos séculos

**Revelação** Levanta-se a ponta ao véu de um segredo ignorado e oculto muitos anos nas paredes do Mosteiro da Batalha. Uma exposição em Cortes revela os grafitos seculares que as pedras do monumento escondem

**Manuel Leiria  
Marina Guerra**

Durante anos foram encarados como riscos indesejáveis, um pouco como os grafitos da actualidade. Houve quem memorizasse o seu valor histórico e até quem os apagasse, com técnicas agressivas. Mas agora surge um novo olhar sobre os desenhos seculares que as pedras das paredes do Mosteiro da Batalha exibem. E uma reflexão acerca da sua verdadeira importância.

Na Casa-Museu João Soares, em Cortes, Leiria, o director da instituição partilha numa exposição o resultado de anos de interesse sobre esses riscos que sobrevivem, mais ou menos discretos, nas pedras do monumento nacional. Em “Grafitos Medievais do Mosteiro da Batalha”, Jorge Estrela reúne informação dos cerca de 150 painéis até agora encontrados e avança com possíveis explicações para eles, recorrendo, por exemplo, à comparação com outros achados do género em monumentos europeus.

“Esta é uma novidade na história do Mosteiro da Batalha. Um gesto do anónimo operário que se manifestou através de uma qualquer espécie de vontade e os seus traços se fixaram no tempo, contando coisas do seu quotidiano”, explica Jorge Estrela.

Estes grafitos são isso mesmo: desenhos de quem ajudou a construir ou a restau-



Jorge Estrela mostra, em Cortes, o resultado de anos de estudo dos grafitos do Mosteiro da Batalha. Foto: Elisabete Febra

rar o mosteiro (num período entre os séculos XV e XIX) e que oferecem uma possibilidade de explicação sobre, por exemplo, aspectos desconhecidos da Idade Média portuguesa.

Os grafitos da Batalha têm particular relevância porque é raro serem encontrados pintados ou desenhados com materiais como carvão vegetal ou pigmentos expostos ao ar livre. No Mosteiro, eles existem em elevado número,

feitos com ponteiros de carvão ou argila, que a humidade existente no calcário da pedra ajudou a preservar.

Vários são visíveis a olho nu, como a cegonha, talvez o mais famoso grafito, facilmente detectado até pelo visitante menos alerta. Mas há outros animais, figuras humanas e diversos navios. O que leva a crer que muitos deles foram desenhados não por marinheiros, mas por madeireiros com experiên-

cia em construção naval, chamados a erigir o mosteiro. “É um aspecto particularmente interessante”, sublinha Jorge Estrela.

“Quem construía as abóbadas em madeira, chamadas de ‘cimbres’, que sustentavam a abóbada de pedra enquanto esta era construída, eram homens da capitania naval vindos de São Martinho e Pederneira”, conta o director da Casa-Museu. Ou seja, as abóbadas do mosteiro são

estrutura de um barco, mas invertido e em pedra.

Há muitos outros segredos para descobrir na exposição. Mas há muito mais no Mosteiro da Batalha, à espera de estudos mais aprofundados. As informações agora reveladas nas Cortes são, para Jorge Estrela, “suficientemente importantes para que se possa considerar esta exposição como o passo inicial de uma longa e multifacetada investigação”.

## Onde ver os grafitos

### O que são grafitos

**São desenhos** espontâneos sobre superfícies edificadas, feitos sem preocupações de conservação. Existem cerca de 150 no Mosteiro da Batalha. A maior parte está na Sala do Capítulo, nos dois claustros, no dormitório, no interior das Capelas Imperfeitas, nas capelas radiantes do panteão de D. Duarte e no exterior das paredes Leste e Sul.

### Para os visitar

**A Casa-Museu João Soares** está aberta de segunda a domingo (10-12h30, 14h30-18 horas, entrada gratuita), até 30 de Abril de 2011. Nos dias próximos do Natal e fim do ano pede-se confirmação de visita (244 891 219). Se quiser procurar os grafitos nas paredes do Mosteiro da Batalha, o horário de Outubro a Março é das 9 horas às 17h30 (bilhete: 5 euros).







## A Viagem de Cosme em Portugal

**Retrato social** Começava o ano da Graça de Nosso Senhor de 1669 quando Cosme III de Médicis visitou o nosso País. Com ele, vinha uma comitiva com artistas e relatores que tomaram notas e retrataram em gravuras o Portugal de seiscentos. O resultado pode ser visto na Casa-Museu João Soares até ao final do ano

**Jacinto Silva Duro**  
jacinto.duro@jornaldeleiria.pt

■ A Casa-Museu João Soares, em Cortes, Leiria, tem patente numa exposição, organizada pelo historiador de arte e pintor Jorge Estrela, do périplo pelo Portugal da centúria de 600, feita pelo penúltimo grão-duque da família Médicis a reinar na Toscana (1670-1723). A mostra, que pode ser observada até ao final do ano, intitula-se *Viagem de Cosme III de Médicis em Portugal no ano de 1669* e é um magnífico e importante retrato do País de então.

Entre Janeiro e Março de 1669, os cronistas Lorenzo Magalotti e Filippo Corsini assentaram detalhes e descrições, ao mesmo tempo que o pintor Pier Maria Baldi fazia uso da sua mestria em 34 desenhos de um Portugal rural desconhecido na Europa... e até em Lisboa e Porto. “É de um total ineditismo. As viagens costeiras faziam-se de barco. Até de Belém ao Terreiro do Paço se ia de barco. Este olhar sobre o Portugal interior é um momento pioneiro”, refere o comissário da mostra. O historiador Jorge Estrela sublinha que era muito pouco comum uma comitiva, com pessoas de elevado estatuto, deslocar-se a pé, nas más e mal frequentadas estradas de Lisboa a Caminha e é esse um dos aspectos que mais contribuíram para marcar e tornar única a viagem de Cosme III de Médicis.

Ao entrar no espaço expositivo da Casa-Museu, somos imediatamente brindados com um desenho da antiga localidade de Ansião, datado de 21 de Fevereiro de 1669. É curioso notar que parte do aspecto do aglomerado urbano se mantém, desde há 344 anos, com o característico telhado de inclinadas águas da igreja matriz, que ainda hoje existe, em destaque, no centro da imagem. Muitas cidades portuguesas, sublinha o investigador,

apesar de grandes alterações, mantêm a sua identidade. Mas se muita coisa subsiste, muito desapareceu também. Isso é visível, na exposição, nas fotos comparativas das localidades de então e as da actualidade. Setúbal ou Santarém são dois dos exemplos onde isso aconteceu. “Lisboa foi particularmente tocada, em parte por causa do terramoto de 1755, mas também o Porto apresenta substanciais diferenças. Outras cidades mostram um perfil idêntico, como é o caso de Tomar ou Coimbra. Nesta última, é curioso verificar que, entre 1669 e 1870, a cidade se manteve quase igual”, explica Estrela, fazendo notar que as grandes alterações, por vezes dramáticas, ocorreram no século XX, em particular depois do 25 de Abril.

“Surpreenderam-me particularmente as vistas gerais de pequenas vilas como Vialonga, Vila Franca de Xira, Cartaxo ou Mealhada, que mostram como estas se alteraram radicalmente. Isso revela a importância dos eixos viários. Vemos que povoados com a mesma dimensão, na época, como Fonte Coberta, perto de Coimbra, e a Mealhada seguiram destinos totalmente diferentes”, refere Jorge Estrela. A primeira localidade, que acabou por ficar de fora dos grandes eixos de circulação, devido à construção de um desvio no caminho medieval, tem praticamente o mesmo número de habitantes. “Pouco mais de uma centena e a Mealhada é uma cidade com mais de 20 mil. Mas a grande surpresa foram as muitas estalagens ou ‘vendas’ onde a comitiva se albergou. Venda da Gaita, junto a Pedrogão Grande, está na mesma, enquanto Venda de Bruceiras, perto de Évora, viu aparecer uma importante vila que a rodeou, que é hoje Azaruja, e foi um pólo importante da indústria corticeira. Outros locais são interessantes pela persistência de certas tradições, como aconteceu



## Entrevista de Jorge Estrela para o Jornal de Leiria

Como foi que surgiu em si o interesse neste fantástico e rico relato do Portugal do século XVII, feito por Lorenzo Magalotti e Filippo Corsini e pelos desenhos de Pier Maria Baldi, que acompanharam Cosme III de Médicis?

Resposta:

O meu interesse começou logo que vi pela primeira vez o álbum com os desenhos de Baldi em meados dos anos 90 do século passado. Fui ao leilão da biblioteca de Caeiro da Mata, que foi ministro dos negócios estrangeiros de Salazar entre 1933 e 1935, e adquiri o exemplar que lhe foi oferecido pelo ministro de Espanha. Nessa altura só existia essa edição compilada por Angel Sanchez Rivero em 1933 e desde logo me apercebi do enorme potencial informativo que emanava desses desenhos. A edição era relativamente rara pois inicialmente foi concebida para ser oferecida a embaixadores mas devem existir uma dúzia de exemplares em Portugal distribuídos por algumas bibliotecas. Mais raro ainda é o livro com os textos dos viajantes italianos que só pude adquirir em 2005 num alfarrabista de Madrid. O texto não fora traduzido e o que estava publicado era a transcrição em toscano, o dialeto que então se falava em Florença. Na realidade esse texto já era conhecido pois a sua transcrição já fora feita em 1901 por António de Portugal de Faria embaixador de Portugal em Itália. O relato, um pouco seco, é sobretudo interessante pelo imediatismo de certas informações e a observação completamente inédita das paisagens e dos campos do Portugal dessa época.

A dificuldade que se me deparava era a má qualidade das imagens. Em 2004 fez-se uma exposição sobre a viagem em Santiago de Compostela com alguns originais e uma edição de boa qualidade. Mas quanto a mim as dificuldades persistiam. Os originais eram de leitura difícil, com grandes marcas de dobragem e certas partes muito apagadas e por outro lado a Biblioteca Laurenziana que guarda os desenhos mostra-se renitente nos empréstimos em virtude da grande fragilidade dos mesmos. Assim restava-me fazer uma espécie de tradução respeitando escrupulosamente as informações mas tornando-as legíveis a um olhar contemporâneo. É esse trabalho que está atualmente na Casa Museu João Soares nas Cortes.

Os desenhos mostram que muito do património desenhado e descrito naquele tempo ainda subsiste. Foi para si uma surpresa?

Resposta:

O que subsiste é o perfil de muitas cidades portuguesas que apesar de grandes alterações mantêm a sua identidade. Na realidade se muita coisa subsiste muita coisa desapareceu e basta ver cidades como Setúbal ou Santarém para constatar que houve uma hecatombe de muito do que estava edificado na altura. Lisboa foi particularmente tocada, em parte por causa do terramoto de 1755, mas também o Porto apresenta substanciais diferenças. Outras cidades mostram um perfil idêntico com é o caso de Tomar ou Coimbra. Em Coimbra é curioso

verificar que entre 1669 e 1870 a Cidade se manteve quase igual, as grandes alterações, por vezes dramáticas, ocorreram no século XX em particular depois do 25 de abril. Nas Cidades alentejanas o aspeto geral não mudou muito o que se deve ao novo sistema defensivo baseado em baluartes que permitiu uma rápida expansão para fora das muralhas já no século XVII e o crescimento foi no sentido da densificação da construção nos espaços então adquiridos pelo que ao vermos os mesmos locais nos dias de hoje sentimos que houve uma certa paragem no tempo que na realidade não existiu.

O que mais o surpreendeu?

Resposta:

O que mais me surpreendeu foi o facto de um conjunto desta importância permanecer relativamente inédito e só muito parcialmente ter sido abordado na historiografia portuguesa. As histórias dos sistemas construtivos em Portugal está por fazer e os desenhos de Baldi lançam novas pistas de investigação. Surpreenderam-me particularmente as vistas gerais de pequenas vilas como Vialonga, Vila Franca de Xira, Cartaxo ou Mealhada que mostram como se alteraram radicalmente. Isso revela a importância dos eixos viários. Assim vemos que povoados com a mesma dimensão na altura como foi o caso de Fonte Coberta perto de Coimbra e a Mealhada seguiram destinos totalmente diferentes. Fonte Coberta ao ficar de fora dos grandes eixos de circulação graças á construção de uma estrada que desviou a passagem do caminho medieval que então existia tem praticamente o mesmo número de habitantes, pouco mais de uma centena, e a Mealhada é uma Cidade com mais de 20000 pessoas. Mas a grande surpresa foram as muitas estalagens ou vendas onde a comitiva se albergou. Pelas mesmas razões de acessibilidades e de inserções diferentes nas economias que emergiam seguiram diferentes percursos. Venda da Gaita, junto a Pedrogão Grande está na mesma, enquanto Venda de Bruceiras perto de Évora viu aparecer uma importante Vila que a rodeou, que é hoje Azaruja, e foi um polo importante da industria corticeira. Outros locais são interessantes pela persistência de certas tradições como aconteceu com Patalim perto de Montemor-o-Novo que era uma estalagem na altura e desempenha funções idênticas 344 anos depois.

Qual seria a imagem que os estrangeiros tinham do Portugal de então?

Resposta:

A imagem básica era que Portugal era Lisboa e o resto terrenos anexos. A importância da Viagem foi mostrar que afinal Portugal existia. Todos os textos dessa época centram-se numa descrição de Lisboa e é preciso entrar num século XVIII avançado para que outros locais possam emergir. A grande diferença reside no facto da viagem ter sido feita a pé. Uma comitiva de 40 pessoas algumas de elevado estatuto irem a pé de Lisboa a Caminha era de um total ineditismo. As viagens costeiras faziam-se de barco. Até de Belém ao Terreiro do Paço se ia de barco. Este olhar sobre um Portugal interior é um momento pioneiro. A imagem dos estrangeiros estava pois centrada nos Portos e no Comércio com a Índia e a América. Uma das



coisas que de certo modo surpreende os italianos é a qualidade de certas pessoas que revelam um cultura singular, quer religiosos quer alguns nobres. Em Setúbal Cosme encontra um tal João Soares que lhe serve de guia e de quem ele releva uma erudição singular. Levei algum tempo até perceber quem era esse tal João Soares. Graças a uma nota de António de Portugal de Faria vi que para lá chegar teria que seguir a genealogia da Viscondessa de Faria Pinho que é a minha tia avó, o que leva a que para além de encontrar um Portugal diferente encontro também parentes remotos.

Há também um grande interesse ao nível da estratégia militar nesta visita, Já que estamos a falar de um período muito próximo da Restauração. Como o caracterizaria?

Resposta:

Cosme III interessa-se particularmente por tudo o que é militar e a primeira coisa que quer ver nas cidades são as fortificações. Uma vez em Lisboa pede para lhe mostrarem outras fortificações mormente na Índia. Dado isto será preciso separar o que é interesse genuíno pelo caso português e o que é a obrigação de um Príncipe, ou seja saber comportar-se nas Cortes europeias segundo as singularidades vigentes em cada País e estudar tudo o que é relativo à guerra. O século XVII é o período mais trágico da história da guerra Europeia e entre a chamada guerra dos trinta anos, as guerras de Luís XIV e a guerra de sucessão de Espanha não só não há uma hora de paz como há mais baixas proporcionalmente que no conjunto de todas as guerras que assolaram a Europa no século XX. Para qualquer governante europeu em 1669 o estudo de fortificações era um assunto prioritário. A própria Florença na sua aliança dependente com a Áustria estava na primeira linha de possíveis contendidas para já não falar na epidémica guerra com os turcos.

Mas é claro que o caso português era um caso de estudo. A paz com a Espanha tinha sido assinada havia menos de um ano e saber como cidades como Elvas tinham resistido ao impacto do exército espanhol era uma interrogação legítima. De resto Cosme pouco dado a convites inesperados aceitou com entusiasmo a oferta do general Dinis de Melo para lhe servir de guia no local da batalha de Montes Claros onde a sua ação foi decisiva na derrota das tropas espanholas. O facto das fortificações de Elvas terem sido consideradas este ano como património mundial revela quanto o assunto ainda é de atualidade.

Para dar a conhecer Cosme III aos nossos leitores, qual foi a importância do grão duque na Europa?

Resposta:

A importância de Florença na Europa é aquela que tem hoje ou seja era reconhecida como um polo fundamental da cultura e das artes da Europa. Sob o ponto de vista estratégico também tinha importância pois era uma peça chave no equilíbrio dos reinos, principados e repúblicas de Itália. Mas a influência era sobretudo intelectual, Florença ditava a moda e o gosto da Europa. As viagens de Cosme III por Espanha, Portugal, Irlanda, Inglaterra, França, Holanda e

XVII e o crescimento foi no sentido da densificação da construção nos espaços então adquiridos pelo que ao vermos os mesmos locais nos dias de hoje sentimos que houve uma certa paragem no tempo que na realidade não existiu.

O que mais o surpreendeu?

Resposta:

O que mais me surpreendeu foi o facto de um conjunto desta importância permanecer relativamente inédito e só muito parcialmente ter sido abordado na historiografia portuguesa. A história dos sistemas construtivos em Portugal está por fazer e os desenhos de Baldi lançam novas pistas de investigação. Surpreenderam-me particularmente as vistas gerais de pequenas vilas como Vialonga, Vila Franca de Xira, Cartaxo ou Mealhada que mostram como se alteraram radicalmente. Isso revela a importância dos eixos viários. Assim vemos que povoados com a mesma dimensão na altura como foi o caso de Fonte Coberta perto de Coimbra e a Mealhada seguiram destinos totalmente diferentes. Fonte Coberta ao ficar de fora dos grandes eixos de circulação graças à construção de uma estrada que desviou a passagem do caminho medieval que então existia tem praticamente o mesmo número de habitantes, pouco mais de uma centena, e a Mealhada é uma Cidade com mais de 20000 pessoas. Mas a grande surpresa foram as muitas estalagens ou vendas onde a comitiva se albergou. Pelas mesmas razões de acessibilidades e de inserções diferentes nas economias que emergiam seguiram diferentes percursos. Venda da Gaita, junto a Pedrogão Grande está na mesma, enquanto Venda de Bruceiras perto de Évora viu aparecer uma importante Vila que a rodeou, que é hoje Azaruja, e foi um polo importante da industria corticeira. Outros locais são interessantes pela persistência de certas tradições como aconteceu com Patalim perto de Montemor-o-Novo que era uma estalagem na altura e desempenha funções idênticas 344 anos depois.

Qual seria a imagem que os estrangeiros tinham do Portugal de então?

Resposta:

A imagem básica era que Portugal era Lisboa e o resto terrenos anexos. A importância da Viagem foi mostrar que afinal Portugal existia. Todos os textos dessa época centram-se numa descrição de Lisboa e é preciso entrar num século XVIII avançado para que outros locais possam emergir. A grande diferença reside no facto da viagem ter sido feita a pé. Uma comitiva de 40 pessoas algumas de elevado estatuto irem a pé de Lisboa a Caminha era de um total ineditismo. As viagens costeiras faziam-se de barco. Até de Belém ao Terreiro do Paço se ia de barco. Este olhar sobre um Portugal interior é um momento pioneiro. A imagem dos estrangeiros estava pois centrada nos Portos e no Comércio com a Índia e a América. Uma das coisas que de certo modo surpreende os italianos é a qualidade de certas pessoas que revelam um cultura singular, quer religiosos quer alguns nobres. Em Setúbal Cosme encontra um tal João Soares que lhe serve de guia e de quem ele releva uma erudição singular. Levei algum tempo até perceber quem era esse tal João Soares. Graças a uma nota de António de Portugal



de Faria vi que para lá chegar teria que seguir a genealogia da Viscondessa de Faria Pinho que é a minha tia avó, o que leva a que para além de encontrar um Portugal diferente encontro também parentes remotos.

Há também um grande interesse ao nível da estratégia militar nesta visita, Já que estamos a falar de um período muito próximo da Restauração. Como o caracterizaria?

Resposta:

Cosme III interessa-se particularmente por tudo o que é militar e a primeira coisa que quer ver nas cidades são as fortificações. Uma vez em Lisboa pede para lhe mostrarem outras fortificações mormente na Índia. Dado isto será preciso separar o que é interesse genuíno pelo caso português e o que é a obrigação de um Príncipe, ou seja saber comportar-se nas Cortes europeias segundo as singularidades vigentes em cada País e estudar tudo o que é relativo à guerra. O século XVII é o período mais trágico da história da guerra Europeia e entre a chamada guerra dos trinta anos, as guerras de Luís XIV e a guerra de sucessão de Espanha não só não há uma hora de paz como há mais baixas proporcionalmente que no conjunto de todas as guerras que assolaram a Europa no século XX. Para qualquer governante europeu em 1669 o estudo de fortificações era um assunto prioritário. A própria Florença na sua aliança dependente com a Áustria estava na primeira linha de possíveis contendidas para já não falar na epidémica guerra com os turcos.

Mas é claro que o caso português era um caso de estudo. A paz com a Espanha tinha sido assinada havia menos de um ano e saber como cidades como Elvas tinham resistido ao impacto do exército espanhol era uma interrogação legítima. De resto Cosme pouco dado a convites inesperados aceitou com entusiasmo a oferta do general Dinis de Melo para lhe servir de guia no local da batalha de Montes Claros onde a sua ação foi decisiva na derrota das tropas espanholas. O facto das fortificações de Elvas terem sido consideradas este ano como património mundial revela quanto o assunto ainda é de atualidade.

Para dar a conhecer Cosme III aos nossos leitores, qual foi a importância do grão duque na Europa?

Resposta:

A importância de Florença na Europa é aquela que tem hoje ou seja era reconhecida como um polo fundamental da cultura e das artes da Europa. Sob o ponto de vista estratégico também tinha importância pois era uma peça chave no equilíbrio dos reinos, principados e repúblicas de Itália. Mas a influência era sobretudo intelectual, Florença ditava a moda e o gosto da Europa. As viagens de Cosme III por Espanha, Portugal, Irlanda, Inglaterra, França, Holanda e Alemanha, são por outro lado um extraordinário manancial de informações e entre elas estão os desenhos de Baldi, destinados a uma espécie de museu que Cosme pensava fazer relativo às suas viagens, e que é o maior conjunto iconográfico sobre a Europa do século XVII. Tirando a Holanda onde os pintores e desenhadores fizeram um levantamento quase de aldeia a aldeia é



## 2. O que mais facilmente te leva a pegar num livro: a capa, o título, o autor, os amigos ou os desconhecidos?

Geralmente leio livros segundo os meus interesses de momento, e evidentemente que o autor é importante. Os livros que encomendo na net são referências bibliográficas que me interessam e, portanto, de uma escolha prévia de autoria e conteúdo. No acaso das livrarias folheio e leio partes antes da compra. A opinião dos amigos é escutada e leva-me a leituras imprevistas: é o caso de romances e alguma poesia.

## 3. Diz-nos um autor que descobriste ultimamente e tens pena de não ter descoberto mais cedo.

A obra de Sylvie Deswarte, sobre Francisco de Holanda e a arte do Renascimento. Tive o prazer de conhecer a autora há pouco tempo e fiquei fascinado pelo rigor dos seus estudos. Desde então, li muitos dos seus livros e artigos, o que tem sido facilitado pelo facto de a autora me ter enviado grande parte dos seus trabalhos, que são peças fundamentais da cultura portuguesa.

## 4. Se houvesse um incêndio na casa do teu vizinho, que livro aproveitavas para atirar para a confusão?

Penso que a pergunta se refere a livros maus ou inúteis. Tenho enfiado alguns barretes, mas entraram na zona penumbrosa do esquecimento. Se os tivesse, desembaraçava-me dos livros de muitos dos políticos portugueses no activo. Imolaria evidentemente a obra completa de Cavaco Silva. Comprei há pouco um livro de um político, o livro sobre árvores de Bagão Félix, mas não gostei. Pensei que se tratava de um passeio humanista de alguém que sabia sair do seu quotidiano, mas não é: o leitor é tratado como um aprendiz indigente. No fundo, é mais um livro sobranceiro de um político. Resta o prazer de saber que se interessa por árvores, o que já não é mau.

## 5. O bichinho dos livros passa de pais para filhos?

Umhas vezes sim, outras não. Conheço casos em que os livros dispersos numa casa foram alicerces de uma cultura afinada e outros em que a primeira coisa feita após a morte dos progenitores foi a imediata venda da biblioteca.

## 6. Se fosses uma personagem do *Fahrenheit 451* (Ray Bradbury/François Truffaut), que livro gostarias de memorizar para garantir que sobrevivia à passagem do tempo?

Certamente um livro de poesia, até porque seria mais fácil de fixar. Começaria pela lírica de Camões, mas tenho a certeza que muitos outros "homens-livro" se teriam antecipado.

## 7. Já te rendeste ao *tablet*? Ou és fiel ao papel em toda e qualquer circunstância?

O papel, quando posso; o *tablet*, quando não há outro remédio.

## 8. Há algum livro que queiras ler há muito tempo, mas ficas sempre pela intenção?

Muitos. Obras dos grandes filósofos alemães, Hegel em particular, do qual só li trechos esparsos; e centenas de romances que se acumularam na prateleira de férias e acabo por não ler. Comprei a obra completa de Chateaubriand e ainda não li uma página.

## 9. A partir de quantas páginas um livro te desmotiva a pegá-lo? E qual foi o maior calhamaço a que já te aventuraste?

Muitos livros a partir da primeira página. Pode acontecer-me interromper uma leitura por mero aborrecimento ou passar à frente e recomeçar no capítulo seguinte; por vezes acabo por gostar tanto que releio várias vezes a parte omissa. Também me acontece começar um livro pelo meio e

## Na Espreguiçadeira com... Jorge Estrela



([http://saidamagazine.files.wordpress.com/2013/10/jorge-estrela\\_espreguic3a7adeira.jpg](http://saidamagazine.files.wordpress.com/2013/10/jorge-estrela_espreguic3a7adeira.jpg))

**Não é um sofá, nem é um divã, é uma espreguiçadeira. Uma vez por mês, a Preguiça convida alguém a pôr-se confortável e responder a 12 perguntas sobre livros. Desta vez, o nosso convidado foi Jorge Estrela: pintor, historiador de arte e um homem que trata os cogumelos por tu.**

### 1. O que estás a ler neste momento? Recomendas ou nem por isso?

De uma maneira geral, tenho vários livros à minha mesa-de-cabeceira e vários outros que, pelas dimensões, não admitem a intimidade do catre. De pequena dimensão tenho lido uma colectânea de artigos que se aglomeram sob o título *Paysage Allégorique, entre image mentale et pays transfiguré*, e ainda o belíssimo estudo sobre a batalha de Lepanto em 1571, de Alessandro Barbero. Comprei por 5 euros, há dias, o livro *El-Rei Junot*, de Raúl Brandão, que estou a ler com grande prazer. Na área dos calhamaços, peguei na *El Viatge a Espanya d'Alexandre Laborde*, um périplo pela Catalunha do séc. XIX, e *Warfare in the Seventeenth Century*, de John Childs, livros que dizem respeito aos trabalhos que faço actualmente. Para as noites de cansaço algumas BD, como seja a divertida série de Tronchet, *Raymond Calbuth*.



só no fim ler o início. Não tenho em memória a dimensão dos livros, até porque muitas das leituras constam de vários volumes. Ultimamente li *As Vidas Paralelas*, de Plutarco, de que só conhecia pequenas partes: foi uma aprazível leitura contínua de 2500 páginas em papel bíblia.

**10. “Não negue à partida um género que desconhece” podia ser o teu lema? És transversal, quanto a géneros e estilos de escrita, ou tens claramente favoritos e suspeitos?**

Não nego géneros, a não ser coisas tipo código civil. Não sou muito transversal em relação à escrita, basta ver algumas frases coxas e paráfrases cabotinas para rematar a leitura.

**11. O que é preciso para se ser um leitor com L grande? Isso é uma espécie em vias de extinção?**

Acho que é sobretudo a curiosidade. Tanto pelos temas em si como pelo prazer de seguir o embalo de uma escrita escorreita. Aí sou muito classicista: Camilo, Camões, Eça e alguns mais, como diria o Aquilino Ribeiro. Gosto de Nuno Bragança, Marmelo e Siva, Orlando Ribeiro (escrita maravilhosa, apesar de se circunscrever à geografia), Agustina, Natália Correia, e tantos outros que encheriam várias páginas. Penso que a leitura não está em via de extinção, mas há leituras e leituras. Uma vez perguntaram ao Valentim Loureiro que livro andava a ler e ele respondeu que já tinha acabado os estudos havia muito tempo e agora só lia jornais. Esta leitura básica é comum na maioria das pessoas que infelizmente nos governam.

**12. O que achas verdadeiramente de alguém que tem uma casa sem livros?**

Já estive em várias casas em que não vi um único livro a não ser ofertas esquecidas e textos de trabalho. São as pessoas que não me interessam. Também estive em casa de analfabetos que obviamente não têm livros, mas escuto-os com respeito e interesse pois gravaram dentro de si o grande livro da memória, muitas vezes bem melhor do que árduas compilações.

Questionário de **Catarina Sacramento**

Ilustração de **Rui Cardoso**

Fotografia de **Ricardo Graça**

(Publicado a 10 Outubro 2013)



os encontros em território português, em colaboração com o Jardim Botânico de Lisboa. Fez vários estudos sobre a paisagem portuguesa, sobre jardins, incluindo o projecto “Um jardim segundo Rodrigues Lobo” para a Câmara Municipal de Leiria. Foi assessor de projectos de estudos micorrízicos do montado para o Instituto Agronómico e Florestal de Oeiras. Em associação com o arquitecto Rui Ribeiro, ganhou o concurso público para a reconversão do Mercado de Santana, em Leiria, já construído e inaugurado em 2003. São também da sua autoria os 12 painéis em calçada portuguesa que se encontram no Jardim de Camões, em Macau, feitos a partir das gravuras de Lima de Freitas (encomenda do Leal Senado).

Na última década tem-se dedicado ao estudo, restauro e classificação da colecção de pintura do Museu de Leiria, que originou a exposição “A Nova Vida das Imagens. Pintura em Leiria, Séc. XVI/XVIII”. Publicou, com Vítor Serrão e Sérgio Gorjão, o livro *Baltazar Gomes Figueira – pintor de Óbidos que nos países foi celebrado*, e assinou (com João Bonifácio Serra e Nicolau Borges) os textos para o catálogo da exposição na Assembleia da República, “José Relvas, o Conspirador Contemplativo”.

Recentemente, no âmbito da Casa-Museu João Soares (nas Cortes, Leiria), de que é director, organizou a exposição “Leiria no Tempo das Invasões Francesas” (que originou um livro com o mesmo título), a exposição “Korrodi e o Restauro do Castelo de Leiria”, a exposição “Os Grafitos Medievais do Mosteiro da Batalha” e, já em 2013, a exposição sobre a “Viagem de Cosme III de Médicis em Portugal no ano de 1669” e respectivo catálogo.

Tags: [Catarina Sacramento](#), [Jorge Estrela](#), [Livros](#), [na espreguiçadeira com](#)



# Jorge Estrela (1944-2015): a sua caixa de utensílios para fazer e olhar a pintura

Por ser irmão de Jorge Estrela, tive um ponto de mira privilegiado e próximo para poder espiar discretamente a caixa de utensílios com que ele fazia ou olhava a pintura. Do que ali pude ver vos darei brevemente conta, sem porém garantir que entendi o que vi, mas vi.

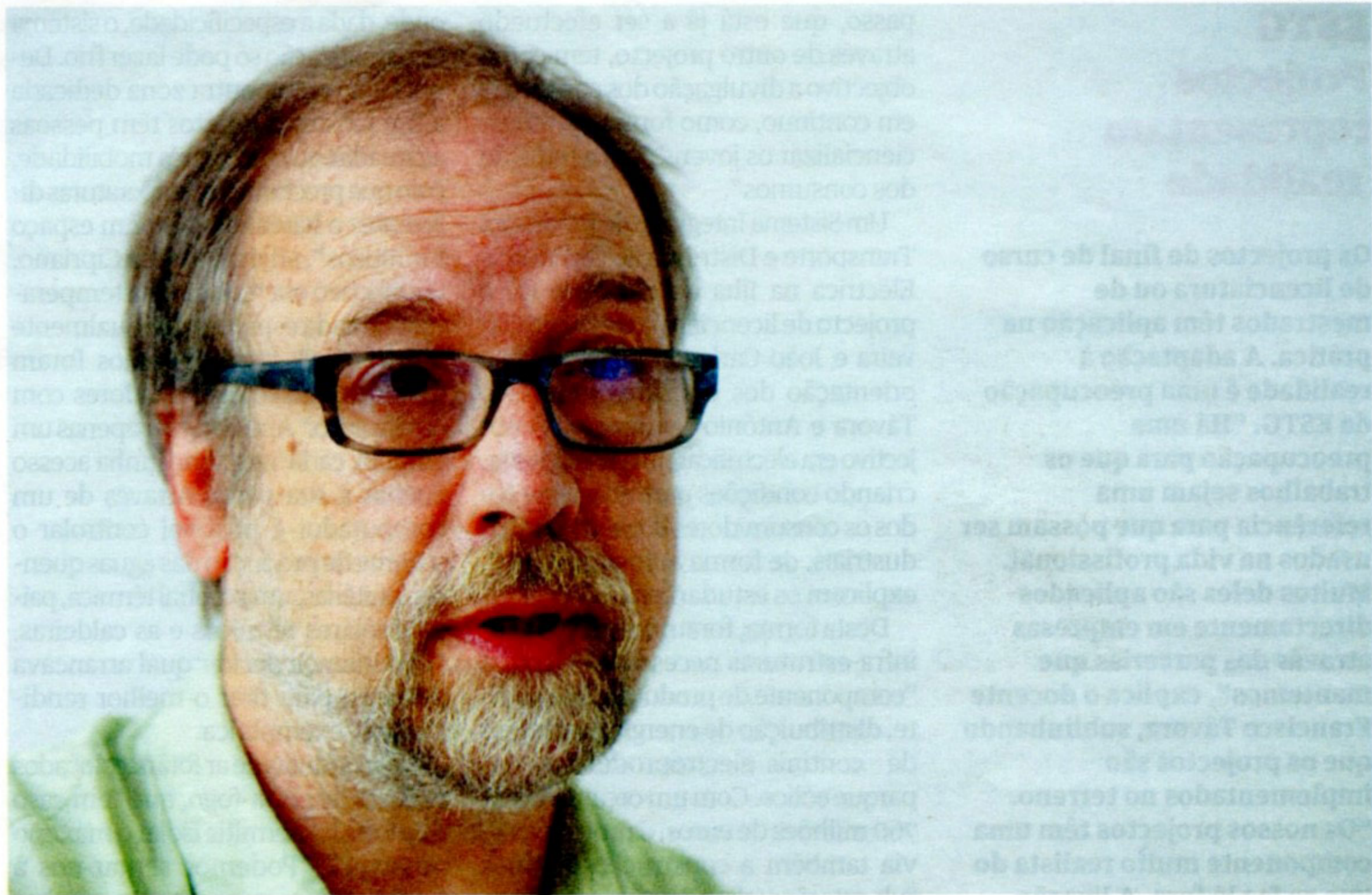
Vi alguma poesia, uma sua primeira aventura; vi postos de lado os esboços tutelados por Domingos Rebelo, um pintor exigente, açoriano como o Jorge; vi escritos metódicos sobre insectos, e uma paixão, uma verdadeira paixão, por borboletas, fixadas num desenho científico rigoroso; vi desfilar papagaios e os periquitos que saíam todos os dias das gaiolas sempre abertas da nossa avó e a elas voltavam pela noitinha, tantas vezes com novas amizades; vi estudos sobre sebes já desaparecidas onde se aninhavam pássaros, com a sua descrição precisa bem como das espécies botânicas lá existentes, e que escondiam modos de vida, de ordenamento, ou histórias; vi jardins, muitos jardins, o deleite dos jardins islâmicos e o interior dos pátios sefarditas, com o inventário de tudo o que neles se entranhava, história, plantas e bicharada, e até o murmúrio da música, das águas, se ouvia; vi cogumelos, muitos cogumelos, por vezes apanhados ao luar, uns para servir a ciência, outros para nos servir a nós à mesa, acompanhados de vinhos de cujo fabrico e genealogia o Jorge nos informava sempre assertivamente; vi e comi os bolinhos - todos - de Josefa de Óbidos e vi o registo minucioso das receitas que nos quadros dela estavam inscritas, ou não fossem livros vivos afinal as naturezas mortas, para quem soubesse ler.

Vi jogos, porque os havia na pintura ou nos muros do Mosteiro da Batalha e porque eram úteis para adiar os afazeres do ganha-pão: rótulos de garrafas, capas de livros e de discos; vi bandas desenhadas quase sempre inacabadas, onde era fácil reconhecer os figurões nossos amigos, e depois voltei a vê-las transfiguradas em pinturas; vi um rasto de compromissos cívicos solidários, em forma de catálogos e exposições: fossem sobre arte sacra ou o 25 de Abril, e Leiria, muita Leiria; vi inúmeros blocos e carnets, de futuro incerto, com um manancial de apontamentos, artísticos, urbanísticos, paisagísticos, literários, gastronómicos, ou descritivos de percursos quantas vezes salpicados de muito humor; vi ainda painéis de outros itinerários com requinte gráfico meticuloso e metódico: das tropas francesas invasoras e revolucionárias, ou da corte erudita de um nobre italiano a atravessar um Portugal rústico e primitivo no século XVII; e mais não pude ver porque prematura e bruscamente, se me fechou a caixa de utensílios.

Ao abri-la agora, entendi para que serviram e para que poderiam servir aqueles utensílios: não eram fragmentos de um saber disperso, não eram devaneios de erudição, eram as pedras de um itinerário racional, recôndito e necessário, eram as ferramentas que Jorge Estrela usou para fazer a sua pintura, a que fez e a que nunca fez, eram as ferramentas para ele olhar as teias da pintura, a que viu e a que não viu. Eram afinal a condição de um fazer e de um olhar.

**Paulo Almeida**

RICARDO GRAÇA/ARQUIVO



Eletrónica, Automação e Comando, Técnico de Comunicação, Marketing, Relações Públicas e Publicidade e Técnico de Análise Laboratorial irão estagiar em Londres. Os restantes quinze alunos irão estagiar na cidade de Nicotera situada no sul de Itália na região da Calabria.

Trata-se de uma experiência única para os jovens estudantes visitarem e trabalharem no

estrangeiro, contactarem com a língua e a cultura de um país diferente, desenvolverem competências e enriquecimento do seu currículo e também desenvolverem a responsabilidade, autonomia e iniciativa.

**Telma Santos, relações públicas**

*Nota: texto escrito à luz do novo acordo ortográfico*

## Alunas de Pombal na rádio

O programa *Mais novos do que nunca*, da rádio Antena 1 e Antena 3, recebeu Lícia Simões, Bárbara Fontes e Isabel Neves, alunas do 3.º ano do Curso Profissional Técnico de Turismo da Escola Tecnológica, Artística e Profissional de Pombal.



**In memoriam** Infelizmente, as notícias da sua morte não são “manifestamente exageradas”

## Uma nova Estrela ilumina o céu sobre as nossas cabeças

**Jacinto Silva Duro**

jacinto.duro@jornaldeleiria.pt

■ No seu espaço habitual de opinião, desta semana, no *Diário de Notícias*, Mário Soares, presidente da Fundação João Soares, elogia o homem e o pensador que escolheu para ser o director da Casa-Museu João Soares, em Cortes, Leiria.

Em boa verdade, quem alguma vez contactou com Jorge Estrela jamais esquecerá a calma presença e sabedoria que tudo dominava e não precisaria de ler as linhas que o antigo primeiro-ministro e Presidente da República dedicou a este jovem que sempre se recusou a envelhecer para perceber as raízes de nobre casta da vinha a que este ser ímpar pertencia.

Jorge Estrela deixou-nos, aos 70 anos, numa data memorável e que tudo tinha a ver com a pessoa e alma-grande que sempre foi: 1 de Janeiro, *Dia Mundial da Paz e da Fraternidade Universal*. Faleceu na Clinigrande, na Marinha Grande, onde lutava contra uma doença pouco comum.

“O Jorge foi uma pessoa rara. Daquela categoria que marca a geração a que pertence. Só não lhe perdamos o facto de, apesar de tudo o que fez e ensinou,

**“No final dessa viagem, se explorava a distinção entre um ‘cabotino’ e um mero ‘cagão’.”**

ter levado consigo uma vastidão de conhecimento e de informação que nos faz falta”, diz, emocionado, o advogado de Leiria Victor Faria.

Era pintor e historiador de arte. Tinha o curso de pintura da ESBAL e o mestrado de História da Arte na Sorbonne. Há mais de uma década que se dedicava ao restauro e classificação da colecção de pintura do Museu de Leiria - é ele o autor do catálogo de pintura do novo museu a instalar no futuro museu de Leiria, no convento de Santo Agostinho. Entre muitas outras obras, publicou com Vítor Serrão e Sérgio Gorjão o livro *Baltazar Gomes Figueira, pintor de Óbidos*. Organizou a exposição *Leiria no tempo das invasões francesas* e a exposição *Korrodi e o restauro do Castelo de Leiria*. Recentemente, a sua investigação e exposição sobre *A viagem de Cosme III de Médicis em Portugal em 1669* foi alvo de louvores, estando patente no Centro Cultural de Belém até Novembro de 2014.

Ricardo Charters d’Azevedo, amigo de infância e seu parente afastado, recorda as férias, nos Setembros da infância em Leiria, e a reaproximação recente, há pouco mais de dez anos, devido a um amor partilhado por ambos e por Heródoto, pela História.

“O pai do Jorge era professor de liceu e estava colocado em Angra do Heroísmo, Açores, onde ele nasceu, mas a mãe era de Leiria, filha do general Honorato Estrela e irmã da mãe de António, José e Luís Zúquete, também de Leiria. Era seu trisavô o primeiro barão de Salgueiro e seu bisavô um advogado de Leiria muito conhecido, Diogo Faria Pinho Soares de Albergaria”, conta, e recorda o modo como Estrela, pessoa de feitio “magnífico”, era amado na cidade do Lis. “Foi o autor de uma exposição muito falada, nos anos 70, sobre a evolução de Leiria e que foi adquirida pela autarquia. Era uma coisa que gostaríamos de recuperar”, diz.

Já o historiador e investigador Francisco Freire prefere lembrar o último encontro com o “Jorge”.

“Entre Alcântara e o Bairro Alto, recordo-me que o taxista que, a altas e más horas, nos guiou a casa fez questão de agradecer tudo o que tinha ouvido naquela corrida, de tal forma as palavras dos passageiros o tinham interessado. Lembro-me que, no final dessa viagem, se explorava a distinção entre um ‘cabotino’ e um mero ‘cagão’. Outras coisas houve que igualmente chamaram a atenção do nosso condutor: o empenho do Jorge em encaminhar-me para o estudo das plantas - afastando-me de humanas companhias -, os méritos antigos das chaminés berberes da Chaínça, as quintas cistercienses do Alto do Vieiro, os mergulhos no Lena, ou as estátuas romanas dos Andreus. Nunca os idióticos “museus de cera” que bárbaras criaturas sonham inaugurar”, conta.

Esse taxista, adianta o investigador, como tantos de nós, apercebeu-se do valor supremo da arte de conversar; a árdua disciplina onde o “Jorge” melhor provava a sua livre, profunda e contagiante inteligência. “Aristocrata absoluto - não no sentido *fidalg*o, mas aristotélico do termo -, o Jorge respirava uma centenária ligação a Leiria e às suas aldeias; sendo porventura o último herdeiro de uma velha linhagem, agora extinta. Durante esse encontro, prometia também voltar o seu olhar, apaixonadamente crítico, para uma revisitação do primeiro projecto, que apresentou no seu regresso a casa em 1977, com o título *O saque de Leiria*. Desafiavam-se conterrâneos, amigos e quejandos a retomar o fio desta meada!”

*A saudade que fica é imensa*



**Opinião**  
**Vítor Serrão**

■ Às primeiras horas da madrugada do primeiro dia deste novo ano de 2015, quis a desdita e a má fortuna que Jorge Estrela nos deixasse! Como se nada o fizesse prever, já que, estando doente, continuava com as mãos cheias de planos de trabalho e projectos de futuro (tal como ainda há umas duas semanas nos afiançava); eio-lo que partiu... Era pintor, crítico e historiador de arte, especialista em Micologia (estudo e identificação de cogumelos e fungos), curador de exposições de arte, estudioso da *Paisagem e da Natureza-Morta*, lutador e homem de causas, espírito rebelde e bem humorado, e senhor de uma cultura imensa, que partilhava em tertúlias, junto aos seus livros e quadros, na casa de Alcântara, em Lisboa. O Jorge dedicou toda a sua vida à investigação e ao saber. Era um cientista desalinhado e, talvez por isso, pelo seu traço deliberadamente não-académico e causticamente não-formalista, sejam tão bons e tão importantes os estudos que escreveu sobre Arquitectura e História (*a viagem de Cosme de Médicis a Portugal em 1669, os grafitos do Mosteiro da Batalha, as construções de Ernesto Korrodi*, etc.), sobre Pintura (os ‘bodegones’ de Josefa de Óbidos e de Baltazar Gomes Figueira, a paisagem holandesa, etc.), sem esquecer os ensaios de Micologia, onde era reconhecido a nível mundial. Organizou exposições na Casa-Museu João Soares, uma delas sobre Leiria ao tempo das invasões francesas, outra sobre a viagem de Cosme de Médicis a Portugal... Conheci-o muito bem e trabalhamos juntos neste último decénio - em 2005, organizámos no Museu de Óbidos uma memorável exposição sobre Baltazar Gomes Figueira, e estávamos a preparar para 2016 uma outra sobre Josefa de Ayala, em Sevilha, entre outros estudos... Por tudo isto (e o muito que não cabe numa nota repentista como tem de ser esta), a notícia é brutal, e a saudade que fica é imensa...

**Professor catedrático na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa**



RICARDO GRAÇA/ARQUIVO